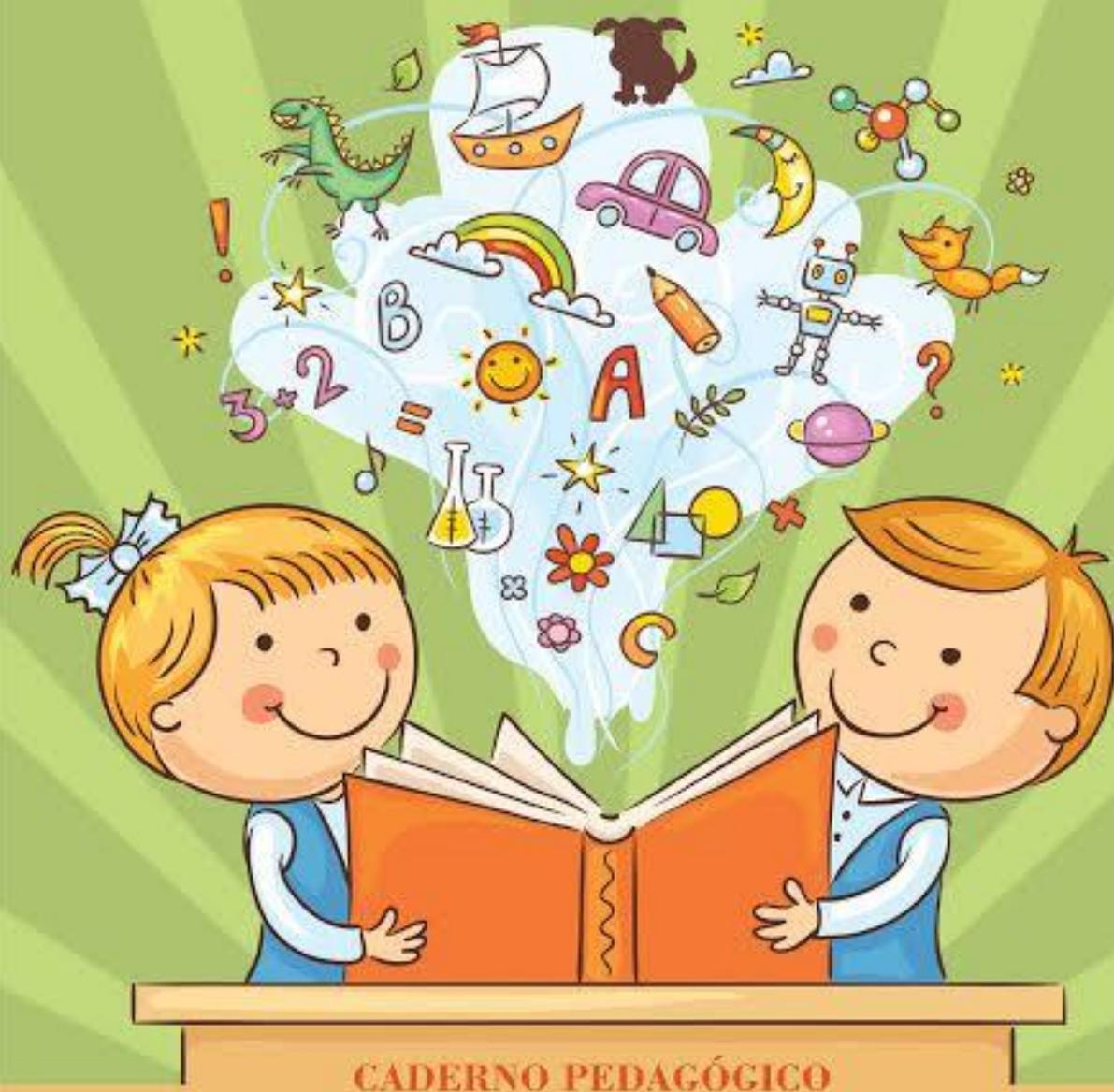


Os Mecanismos Enunciativos no Ensino do Gênero "Crônica"



CADERNO PEDAGÓGICO

Ana Cecília Nascimento e Santos - Organizadora
Orientação: José Ricardo de Carvalho

*Os Mecanismos
Enunciativos no Ensino do
Gênero Crônica*

Este caderno pedagógico é resultado de estudos, de pesquisas e da dissertação do mestrado profissional em Letras (PROFLETRAS) da Prof.^a Ana Cecília Nascimento e Santos, com a orientação do Professor Dr. José Ricardo Carvalho.

APRESENTAÇÃO

Caro professor,

Este material foi desenvolvido a partir de estudos realizados no Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). Com ele, queremos apresentar uma alternativa de trabalho com gêneros de texto. O gênero abordado nesse material é a crônica e a perspectiva adotada para a análise do gênero está centrada no Interacionismo Sócio Discursivo (ISD) (BRONCKART, 1999). Sabemos que existem inúmeras maneiras de se trabalhar com crônicas, mas queremos apresentar o viés dos mecanismos enunciativos, de acordo com a corrente do ISD. Acreditamos que esta seja uma boa maneira de ajudar na formação de um leitor crítico, consciente das vozes que existem num texto, das marcas de subjetividade expressas e de seus efeitos de sentido. Esse material está focado na interpretação textual, visando a uma melhoria na leitura dos alunos. Esperamos que este caderno possa ser mais um suporte para a realização das atividades nas suas aulas de Língua Portuguesa. Você vai perceber que ao longo das atividades, apresentamos sugestões de como trabalhá-las com os alunos, mas ninguém melhor do que você para saber o que, de fato, funciona com suas turmas. Portanto, sinta-se à vontade para acolher as sugestões ou adaptá-las à sua realidade. Também trazemos, ao longo do caderno, os conceitos teóricos que embasaram o nosso trabalho. Acreditamos que esses conceitos irão ajudá-lo na compreensão teórica das atividades propostas e instrumentalizá-lo para o desenvolvimento das atividades. Desejamos que você e seus estudantes se beneficiem ao máximo com esse material.

Afetuosamente,

Ana Cecília Nascimento e Santos

OS MECANISMOS ENUNCIATIVOS NO ENSINO DO GÊNERO CRÔNICA

ESTRUTURA CURRICULAR

NÍVEL DE ENSINO	8º ano do Ensino Fundamental II
COMPONENTE CURRICULAR	Língua Portuguesa
CONTEÚDO	- Gênero Crônica - Tipologia Textual - Sequência Textual, - Tipos de discurso. - Vozes - Modalizações

INFORMAÇÕES GERAIS

O que o aluno irá aprender com esse caderno pedagógico?

- Identificar as características do gênero crônica;
- Interpretar crônicas;
- Compreender o plano global de uma crônica;
- Identificar as vozes presentes numa crônica;
- Observar os efeitos de sentido existentes na crônica a partir da presença de verbos e expressões modalizadoras;
- Discutir sobre temáticas referentes ao Brasil.

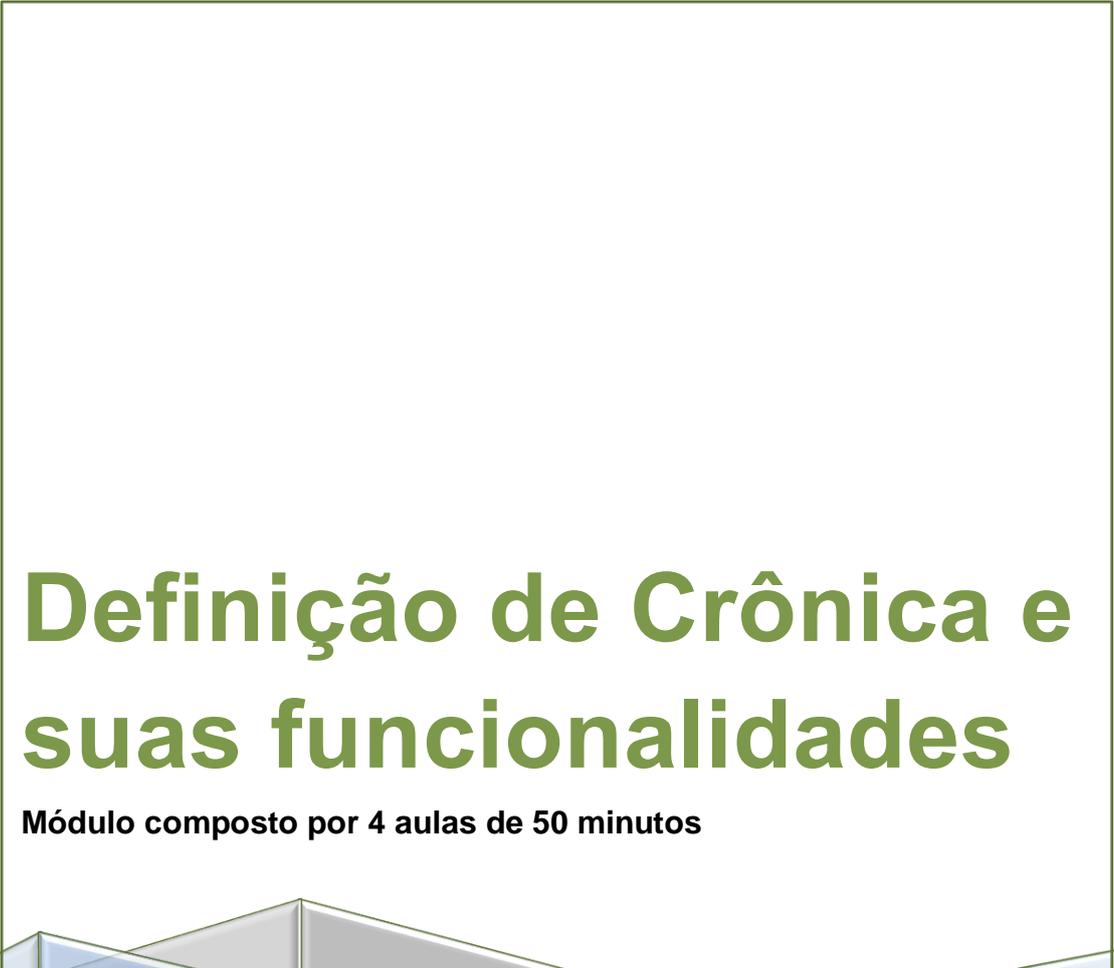
O caderno pedagógico está organizado em 3 partes

- ❖ **Parte 1** – Definição de crônica e suas funcionalidades
- ❖ **Parte 2** – Estudo da situação de produção e do plano global das crônicas
- ❖ **Parte 3** – Expressão da subjetividade a partir da compreensão de vozes e modalizações

Duração das Atividades: 14 aulas de 50 minutos

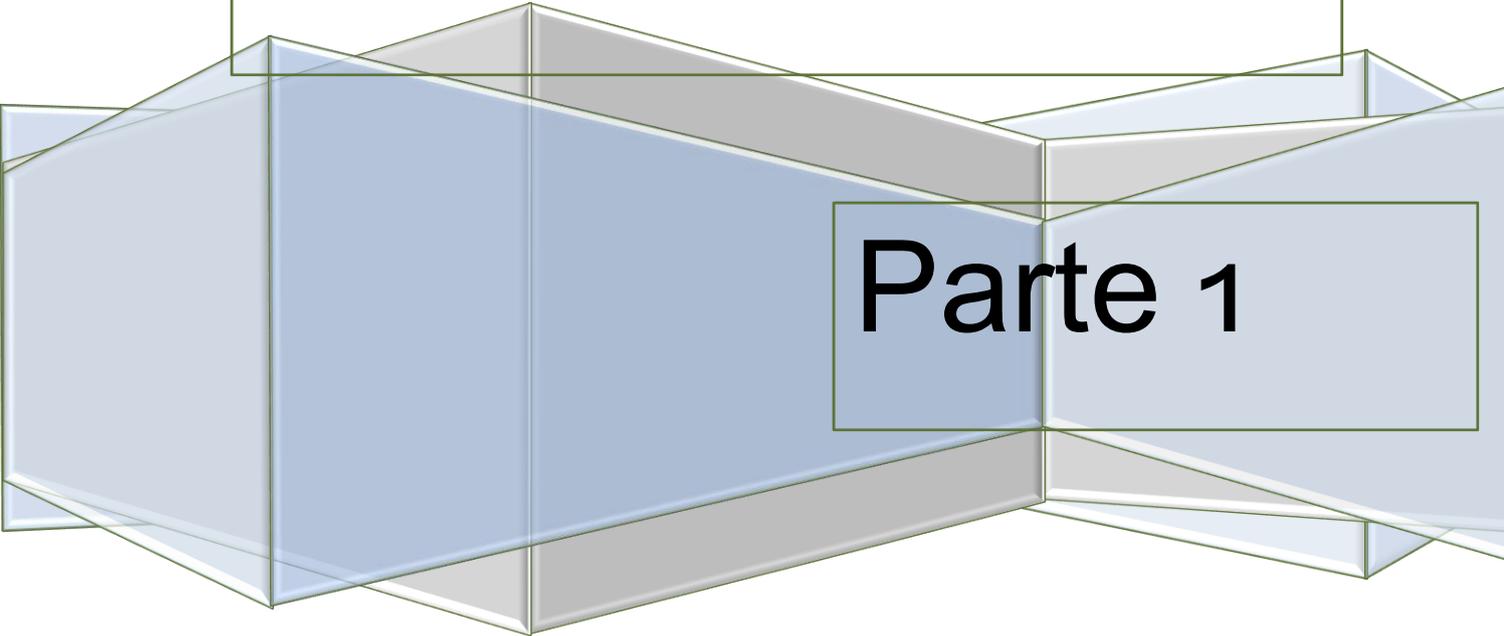
Sumário

Definição de Crônica e suas funcionalidades	6
Aula 1	11
Aula 2	11
Aulas 3 e 4	12
Sobre a crônica	12
Estudo da situação de produção e do plano global das Crônicas	15
Aula 5 e 6	20
Aulas 7 e 8	25
Expressão da subjetividade a partir da compreensão das vozes e	
modalizações	32
Aula 9 e 10	36
O desafio	37
Aulas 11 e 12	42
O discurso citado	42
Que país é esse? Roubando galinhas ou o Brasil explicado em galinhas	45
Aulas 13 e 14	49
Modalizações	54
Quem tem medo de mortadela?	55
Referências	60



Definição de Crônica e suas funcionalidades

Módulo composto por 4 aulas de 50 minutos



Parte 1

Conversa com o professor

Professor, antes da realização da pesquisa, como estratégia de envolvimento dos alunos no aprendizado, é importante que seja feita uma breve exposição oral sobre o gênero. No quadro abaixo, temos algumas informações que deverão ser aprofundadas por você. A partir desse conhecimento, você escolherá os aspectos que poderá aprofundar com sua turma.

A CRÔNICA

A palavra crônica vem do termo grego *chronos*, que significa tempo, e é caracterizado como narrativa histórica, por seguir uma sequência cronológica. De acordo com Coutinho (1988, p. 306), a crônica era relacionada a relatos cronológicos de fatos sucedidos em algum lugar; no entanto, esse significado modificou-se, e a palavra crônica é agora utilizada para designar “pequenas produções em prosa, de natureza livre, em estilo coloquial, provocadas pela observação dos sucessos cotidianos ou semanais, refletidos através de um temperamento artístico”. A linguagem utilizada nesse gênero é, normalmente, muito próxima da oralidade, pois “sendo ligada à vida cotidiana, a crônica tem que se valer da língua falada, coloquial, adquirindo inclusive certa expressão dramática no contato da realidade da vida diária” (COUTINHO, 1988, p. 306).

Ferreira (2008) prefere conceituar a crônica como um texto avesso às classificações. Isso se dá pela imprevisibilidade textual e discursiva que se percebe nesse gênero. Além disso, os próprios cronistas mais renomados apontam essa dificuldade, e até assumem que não se preocupam mais em fazer classificações. Mas, na literatura, podemos encontrar aqueles que se esforçaram por conceituar esse gênero tão instável, que acaba sendo considerado como um gênero de fronteira, meio literário, meio jornalístico. Ferreira (2008) aponta que a crônica se originou da imprensa inglesa e se adaptou à nossa imprensa, sendo utilizada para dar leveza aos textos jornalísticos, tão repletos de notícias ruins. Pela crônica, o jornal proporciona a diversão e o entretenimento “destinando-se a dar um tratamento mais ameno a certos fatos da semana e do mês, inclusive para agradar todos os tipos de leitores” (FERREIRA, 2008, p.365).

Moisés (1978) explicita que a crônica, em suas origens, designava uma lista de acontecimentos organizados de acordo com a sequência temporal.

Colocada assim, entre os simples anais e a História propriamente dita, a crônica se limitava a registrar os eventos, sem aprofundar-lhes as causas ou dar-lhes qualquer interpretação. Em tal acepção a crônica atingiu o auge na Idade Média, ou seja após o século XII (MOISÉS, 2004, p. 110).

Percebe-se, desse modo, que o principal aspecto das primeiras crônicas era o de narrar um fato histórico. No Brasil, de acordo com muitos estudiosos da literatura, inclusive Sá (1987), a carta que Pero Vaz de Caminha escreve ao Rei

Dom Manuel é classificada como uma crônica, sendo, inclusive, reconhecida como a primeira crônica escrita nesse solo. Com o passar do tempo, como já foi mencionado, a crônica foi ganhando características diferenciadas, e passou a ser utilizada com a finalidade de narrar pequenas situações do dia a dia, veiculadas nos jornais. Moisés (1982, p. 247), de maneira muito simples, explica que a crônica “oscila, pois, entre a reportagem e a Literatura, entre o relato impessoal, frio e descolorido de um acontecimento trivial, e a recriação do cotidiano por meio da fantasia”.

A crônica segue, então, como uma tentativa de se fazer uma literatura nacional no século XIX, e será notada nos primeiros folhetins publicados nos jornais da época como um registro do dia a dia. Muitos foram os cronistas que receberam destaque nesse período, mas os dois principais nomes que se pode ressaltar como símbolos da crônica no Brasil são João do Rio e Machado de Assis (SOUZA, 2009). Cada um deles exerceu sua influência na imprensa da época, trazendo mais literatura ou mais crítica para esse texto. Souza aponta que

João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto, é apontado por Jorge de Sá como o responsável pela roupagem literária que a crônica adquiriu desde então. Suas seções na imprensa apresentavam pequenos contos, ensaios breves, poemas em prosa e outra série de gêneros destinados a informar os acontecimentos do dia ou da semana sem o rigor jornalístico das outras seções do jornal e sem o rigor crítico e o conteúdo político das crônicas de Machado de Assis. Machado teve grande importância na imprensa nacional com as crônicas que publicou durante toda sua carreira literária. (...) as crônicas de Machado se destinavam a tecer comentários irônicos e muitas vezes divertidos sobre as principais notícias políticas e econômicas da semana (SOUZA, 2009).

Outros grandes cronistas que merecem destaque são Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Nelson Rodrigues e Luís Fernando Veríssimo, entre outros.

Diante dos aspectos levantados, fica claro que a crônica é um gênero que caminha entre o literário e o jornalístico. Coutinho (1988) enfatiza a natureza literária da crônica apontando que, além da personalidade de gênero, a crônica tem assumido um desenvolvimento que faz dela uma forma literária. Ele também enxerga a crônica como algo diferenciado da nossa literatura, com a qual não há nada que se compare, nem na literatura portuguesa. Independentemente do veículo de divulgação, a natureza da crônica é literária, pois nela se percebe a arte da palavra:

Enquanto o jornalismo tem no fato seu objetivo, seu fim, para a crônica o fato só vale, nas vezes em que ela o utiliza, como meio ou pretexto, de que o artista retira o máximo partido, com as virtuosidades de seu estilo, de seu espírito, de sua graça, de suas faculdades inventivas. A crônica é na essência uma forma de arte, arte da palavra, a que se liga forte dose de lirismo (COUTINHO, 1988, p. 305).

Cândido (1992) argumenta que a crônica traz assuntos do cotidiano, tratados de forma leve. Esta é, justamente, uma das grandes qualidades do gênero. Além disso, a crônica, originalmente, tem um aspecto transitório, já que, diferentemente do livro, ela é criada para nascer e morrer no mesmo dia, após a sua leitura. Ele aponta que a crônica

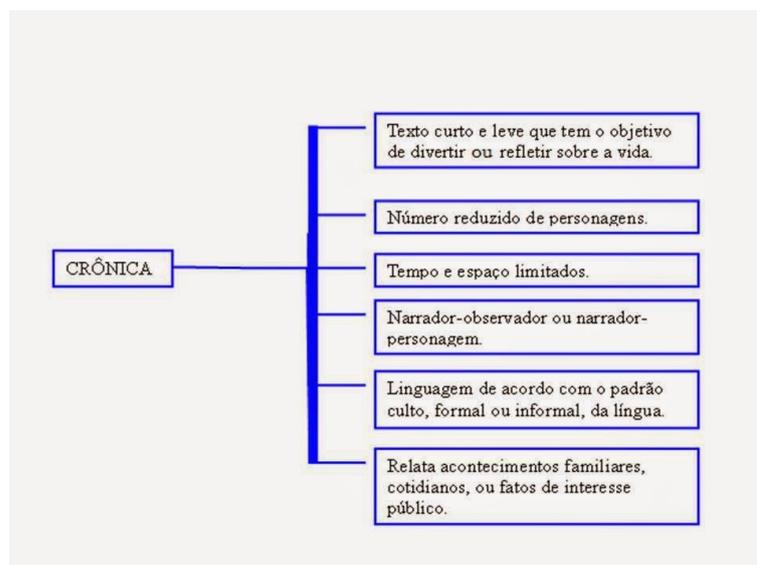
não foi feita originalmente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha. Por se abrigar neste veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em 'ficar', isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. Por isso mesmo consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um, e quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava (CÂNDIDO, 1992, p.15).

O próprio fato de estar atrelada ao jornal vai fazer com que a crônica tenha algumas peculiaridades referentes às condições de produção. Essa natureza jornalística da crônica faz com que ela seja um texto característico por seu estilo leve, descontraído, ligeiro e simples, até por conta da transitoriedade do jornal e, ao mesmo tempo, criativo e artístico. Sá (1987) descreve muito bem esse contexto de produção, quando explica o seu perfil estilístico:

esse seu lado efêmero de quem nasce no começo de uma leitura e morre antes que se acabe o dia, no instante em que o leitor transforma as páginas (do jornal) em papel de embrulho, ou guarda os recortes que mais lhe interessam num arquivo pessoal. O jornal, portanto, nasce, envelhece e morre a cada 24 horas. Nesse contexto, a crônica também assume essa transitoriedade, dirigindo-se inicialmente a leitores apressados, que leem nos pequenos intervalos da luta diária, no transporte ou raro momento de trégua que a televisão lhes permite. Sua elaboração também se prende a essa urgência: o cronista dispõe de pouco tempo para preparar seu texto, criando-o, muitas vezes, na sala enfumaçada de uma redação. Mesmo quando trabalha no conforto e no silêncio de sua casa, ele é premido pela correria com que se faz um jornal, (...). À pressa de escrever, junta-se a de viver. Os acontecimentos são extremamente rápidos, e o cronista precisa de um ritmo ágil para poder acompanhá-los. Por isso a sua sintaxe lembra alguma coisa desestruturada, solta, mais próxima da conversa entre dois amigos do que propriamente do texto escrito (SÁ, 1987, p.10-11).

Mas, afinal, quais as características da crônica? Diante de seu percurso histórico, e de tantas conceituações atribuídas a esse gênero tão dinâmico, que características podem ser observadas como comuns às crônicas? Nesse quadro,

temos uma síntese das características:



http://jleitores.blogspot.com.br/2014_05_01_archive.html

Ferreira (2008), em suas pesquisas, observa a existência de 23 classificações para as crônicas, quanto à sua tipologia. As crônicas são denominadas de descritivas, narrativas, narrativo-descritivas, metalinguísticas, líricas, reflexivas, dissertativas, humorísticas, teatrais, mundanas, visuais, metafísicas, poemas-em-prosas, crônicas-comentários, crônicas-informações, filosóficas, esportivas, policiais, políticas, jornalísticas, crônicas contos, crônicas ensaios e crônicas poemas. A autora critica um número tão grande de classificações, o que evidencia uma “falta de critérios tipológicos ou ausência dos mesmos” (FERREIRA, 2008, P. 362). Todavia, para este trabalho, pensamos em considerar algumas das classificações para a produção do material pedagógico, já apresentando a conceituação de Ferreira (2008, p. 362-363):

Crônica descritiva: predomina a caracterização de elementos no espaço. Utiliza-se dos cinco sentidos, adjetivação abundante e linguagem metafórica.

Crônica narrativa: predomina uma história envolvendo personagens e ações (enredo) que transcorrem no tempo.

Crônica lírica: apresenta linguagem poética e metafórica, predominando a emoção e os sentimentos.

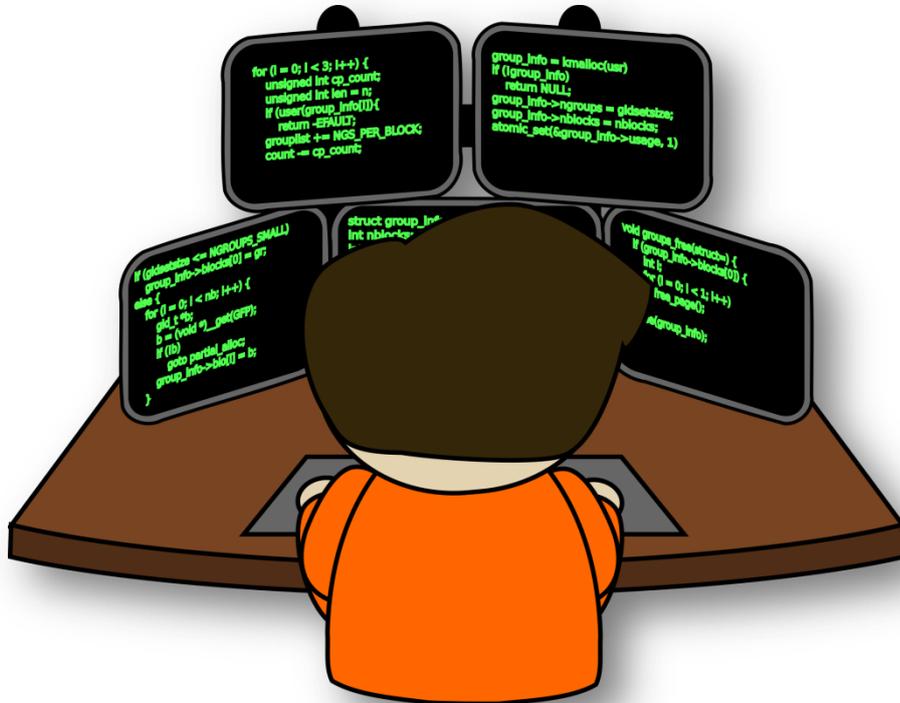
Crônica reflexiva: o autor tece reflexões filosóficas, isto é, analisa subjetivamente os mais variados assuntos e situações.

Crônica humorística: normalmente, trata de assuntos políticos ou de certos costumes sociais, de maneira crítica e bem-humorada.

Crônica-comentário: comentário dos acontecimentos, que acumula muita coisa diferente ou díspar.

Por todos os aspectos apontados, julgamos que a crônica seja um instrumento interessante para a análise.

AULA 1- LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA



Nessa primeira aula, iremos, em duplas ou trios, pesquisar sobre o gênero “Crônica” na Internet. Para isso, usaremos o laboratório de informática da escola. A partir dessa pesquisa, vamos tentar responder as perguntas seguintes:

- ❖ - Quais as principais características da crônica?
- ❖ - Qual a primeira crônica do Brasil?
- ❖ - Quais os principais cronistas brasileiros?
- ❖ - Onde as crônicas são veiculadas?
- ❖ - Como podemos classificar as crônicas? Que tipos de crônicas temos?
- ❖ - Leia uma crônica e escreva seu título e um breve resumo daquela que você mais gostar.

AULA 2

As duplas ou trios deverão apresentar os resultados encontrados a partir da pesquisa.

(Para arrematar essa questão, o professor poderá ir pontuando no quadro as características mais importantes que forem sendo levantadas pelos alunos. A partir daí, após a apresentação dos grupos, o professor poderá aprofundar as questões levantadas, de modo a levar os alunos a conhecerem bem o gênero estudado).

AULAS 3 E 4

Após conhecer o gênero, leremos uma crônica que trabalha com a metalinguagem. A partir dessa leitura, estaremos, ao mesmo tempo, lendo uma crônica e aprendendo sobre o que é esse gênero. A crônica sugerida é “Sobre a crônica”, de Ivan Ângelo, publicada na revista *Veja*, no ano de 2007:

SOBRE A CRÔNICA

Ivan Ângelo

Uma leitora se refere aos textos aqui publicados como “reportagens”. Um leitor os chama de “artigos”. Um estudante fala deles como “contos”. Há os que dizem: “seus comentários”. Outros os chamam de “críticas”. Para alguns, é “sua coluna”.

Estão errados? Tecnicamente, sim — são crônicas —, mas... Fernando Sabino, vacilando diante do campo aberto, escreveu que “crônica é tudo o que o autor chama de crônica”. A dificuldade é que a crônica não é um formato, como o soneto, e muitos duvidam que seja um gênero literário, como o conto, a poesia lírica ou as meditações à maneira de Pascal¹. Leitores, indiferentes ao nome da rosa, dão à crônica prestígio, permanência e força. Mas vem cá: é literatura ou é jornalismo? Se o objetivo do autor é fazer literatura e ele sabe fazer...

Há crônicas que são dissertações, como em Machado de Assis; outras são poemas em prosa, como em Paulo Mendes Campos; outras são pequenos contos, como em Nelson Rodrigues; ou casos, como os de Fernando Sabino; outras são evocações, como em Drummond e Rubem Braga; ou memórias e reflexões, como em tantos. A crônica tem a mobilidade de aparências e de discursos que a poesia tem — e facilidades que a melhor poesia não se permite.

Está em toda a imprensa brasileira, de 150 anos para cá. O professor Antonio Candido observa: “Até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e pela originalidade com que aqui se desenvolveu”. Alexandre Eulálio, um sábio, explicou essa origem estrangeira: “É nosso familiar *essay*², possui tradição de primeira ordem, cultivada desde o amanhecer do periodismo nacional pelos maiores poetas e prosistas da época”. Veio, pois, de um tipo de texto comum na imprensa inglesa do século XIX, afável, pessoal, sem-cerimônia e, no entanto, pertinente. Por que deu certo no Brasil? Mistérios do leitor. Talvez por ser a obra curta e o clima, quente.

A crônica é frágil e íntima, uma relação pessoal. Como se fosse escrita para um leitor, como se só com ele o narrador pudesse se expor tanto. Conversam sobre o momento, cúmplices:



<https://openclipart.org/detail/2185/writ>

nós vimos isto, não é, leitor?, vivemos isto, não é?, sentimos isto, não é? O narrador da crônica procura sensibilidades irmãs.

Se é tão antiga e íntima, por que muitos leitores não aprenderam a chamá-la pelo nome? É que ela tem muitas máscaras. Recorro a Eça de Queirós, mestre do estilo antigo. Ela “não tem a voz grossa da política, nem a voz indolente do poeta, nem a voz doutoral do crítico; tem uma pequena voz serena, leve e clara, com que conta aos seus amigos tudo o que andou ouvindo, perguntando, esmiuçando”.

A crônica mudou, tudo muda. Como a própria sociedade que ela observa com olhos atentos. Não é preciso comparar grandezas, botar Rubem Braga diante de Machado de Assis. É mais exato apreciá-la desdobrando-se no tempo, como fez Antônio Candido em “A vida ao rés do chão”: “Creio que a fórmula moderna, na qual entram um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu quantum satis³ de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma”. Ainda ele: “Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas”.

Elementos que não funcionam na crônica: grandiloquência, sectarismo, enrolação, arrogância, prolixidade. Elementos que funcionam: humor, intimidade, lirismo, surpresa, estilo, elegância, solidariedade.

Cronista mesmo não “se acha”. As crônicas de Rubem Braga foram vistas pelo sagaz professor Davi Arrigucci como “forma complexa e única de uma relação do Eu com o mundo”. Muito bem. Mas Rubem Braga não se achava o tal. Respondeu assim a um jornalista que lhe havia perguntado o que é crônica

— Se não é aguda, é crônica.

Veja São Paulo, 25/4/2007.

Conhecendo o Vocabulário

1. **Blaise Pascal** (1623-1662), matemático, filósofo e teólogo francês, autor de *Pensamentos*.
2. “**Ensaio familiar**”. *Ensaio* é um gênero inaugurado por Michel de Montaigne (1533-1592); vem da palavra francesa *essayer* (“tentar”). Um ensaio é um texto onde se encadeiam argumentos, por meio dos quais o autor defende uma ideia.
3. Em latim, “a quantidade necessária”.

ESTUDO DO TEXTO

⇒ COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO

Com a leitura dessa crônica, você deve ter encontrado muitos pontos em comum com as características encontradas na sua pesquisa. Vamos discutir alguns pontos importantes percebidos no texto conforme o questionário abaixo:

1- Com que outros gêneros a crônica é confundida?

A crônica pode ser confundida com reportagens, artigos, contos, comentários, críticas e, até, coluna.

2- Por que é tão difícil conceituar uma crônica?

A dificuldade é que a crônica não tem um formato único, como o soneto, e muitos até duvidam que seja um gênero literário, como o conto, a poesia lírica ou as meditações à maneira de Pascal. A crônica pode aparecer com diversos formatos, no texto, os formatos apresentados foram: dissertações, poemas em prosa, pequenos contos, casos, evocações, memórias e reflexões.

3- Qual a origem da crônica?

A crônica surgiu a partir de um tipo de texto comum na imprensa inglesa do século XIX chamado *essay*. Era um texto afável, pessoal, sem-cerimônia e, no entanto, pertinente.

4- Apesar de sua origem, por que podemos dizer que é um gênero tipicamente brasileiro?

Porque aqui no Brasil esse gênero se desenvolveu com muita naturalidade.

5- Que elementos funcionam numa crônica, conforme o cronista?

Humor, intimidade, lirismo, surpresa, estilo, elegância, solidariedade.

6- Que temas podem aparecer numa crônica?

Assuntos relacionados ao momento, em outras palavras, ao cotidiano.

7- Qual a relação entre leitor e escritor numa crônica?

Existe uma intimidade, é como se a crônica fosse escrita para um leitor, como se só com ele o narrador pudesse se expor tanto.

8- Você consegue encontrar essas características nessa crônica?



<https://openclipart.org/detail/182385/cl>

Estudo da situação de produção e do plano global das crônicas

Módulo composto por 4 aulas de 50 minutos

Parte 2

Activate Windows
Go to PC settings to activate Windows

Conversa com o professor

Professor, agora adentraremos na análise da estrutura interna de uma crônica com base no JSD. É importante que você leia esta breve explicação sobre o contexto de produção, as tipologias textuais e as sequências previstas por Bronckart (1999). A partir dessa leitura, você compreenderá melhor como trabalhar as atividades a seguir com seus alunos.

Contexto de Produção

Num primeiro momento, para a análise do texto, é preciso compreender que as condutas humanas são ações próprias do processo de socialização e, para tal, precisa-se levar em conta o contexto de produção, explicado por Bronckart como “o conjunto de parâmetros que exercem influência sobre a forma como um texto está organizado. (...) Esses parâmetros estão reagrupados em dois conjuntos: mundo físico e mundo social e subjetivo” (BRONCKART, 1999, p.93). Na busca desses aspectos, é preciso formular hipóteses sobre essas representações, buscando revelar, mesmo que parcialmente, que decisões foram tomadas na produção do texto. Observa-se, inicialmente, que todo texto é produzido por um agente situado no tempo e no espaço, portanto, tem um contexto físico formado por quatro parâmetros. Além disso, esse mesmo texto está inserido numa interação comunicativa que prevê um mundo social e um mundo subjetivo. Esse contexto sociosubjetivo também será composto por quatro parâmetros. No quadro a seguir, apresentaremos um resumo desses contextos e seus parâmetros:

CONTEXTO FÍSICO	CONTEXTO SOCIOSUBJETIVO
Lugar de produção – local onde é produzido o texto.	Lugar social – formação social do local onde é produzido o texto.
Momento da produção – quando o texto foi produzido.	Objetivo – os efeitos de sentido que o texto pode causar.
Emissor – aquele que produz o texto (oral ou escrito).	Enunciador – o papel social do emissor.
Receptor – Pessoas que podem receber o texto.	Destinatário – o papel social do Receptor

Contexto físico e sociosubjetivo de produção do gênero. (BRONCKART, 1999)

Tipos de discurso

O Interacionismo sociodiscursivo postula algumas regularidades prováveis de ser encontradas nos mais diversos gêneros existentes. Essas regularidades irão compor o que Bronckart denomina por tipos de discurso. O conteúdo de um texto é organizado a partir de coordenadas gerais, nas quais se desenvolve a ação de

linguagem. Essas coordenadas podem estar conjuntas ou disjuntas às coordenadas do mundo ordinário, e é com base nisso que Bronckart (1999) vai elaborar a sua classificação dos mundos que definirão os tipos psicológicos em relação ao conteúdo e em relação à situação em que estão inseridos.

Inicialmente, temos o mundo conjunto, o mundo disjunto, o mundo implicado e o mundo autônomo. O mundo conjunto trata do hoje, e apresenta-se na ordem do expor (com o uso de verbos no tempo presente); já o mundo disjunto trata do passado ou do futuro e apresenta-se na ordem do narrar (os tempos pretéritos e futuros são utilizados). No mundo implicado, há a exposição do 'eu', portanto, é um texto em que se percebe o uso da 1ª pessoa do singular ou do plural. No mundo autônomo, por seu turno, trata-se sobre o 'ele'. A partir da junção desses mundos, organizando-se na ordem do expor ou do narrar, é que teremos a noção de quatro mundos discursivos: o mundo do expor autônomo, o mundo do expor implicado, o mundo do narrar autônomo e o mundo do narrar implicado, surgindo também os arquétipos psicológicos: discurso interativo e discurso teórico e o relato interativo e a narração, como podemos perceber no quadro abaixo:

Mundo	Tipo Psicológico
Do expor implicado	Discurso Interativos (diálogo)
Do expor autônomo	Discurso Teórico (monografia, dicionário)
Do narrar implicado	Relato Interativo (discurso político oral, romance)
Do narrar autônomo	Narração (romance)

Cada um desses tipos psicológicos terá suas características específicas, perceptíveis a partir dos tempos verbais; dos tipos de frases (declarativas ou não-declarativas); de ostensivos como pronomes demonstrativos, dêiticos espaciais, dêiticos temporais; nomes próprios; pronomes pessoais e, até mesmo, a presença de modalizações. Assim, é com base nesses arquétipos psicológicos que Bronckart propõe uma análise de textos. Todo texto terá um tipo de discurso predominante, mas pode conter outros tipos de discurso, além disso, pode conter sequências, conforme explicitaremos a seguir.

Sequências

Bronckart (1999) explica que os tipos de discurso compõem a estrutura fundamental da infraestrutura geral dos textos, contudo, essa estrutura também é caracterizada por uma organização sequencial ou linear do conteúdo temático. Assim, pode-se reconhecer um texto como um todo, observando o plano do texto, que pode ser constituído em suas partes por sequências. Bronckart (1999) considera os estudos de Adam (1990, 1991a, 1991b, 1992) para fundamentar esses estudos. Vamos aprofundar cada uma das sequências expostas por Adam à luz da teoria de Bronckart (1999).

Sequência Narrativa - Organiza os acontecimentos em uma ação completa, com início, meio e fim, que parte de um estado de equilíbrio até que haja um momento de tensão e que desencadeie várias ações até que se retorne ao estado de equilíbrio. Ela é composta pelas fases apresentadas a seguir:

- Situação Inicial
- Complicação
- Ações
- Resolução
- Situação final

Ainda podem ser acrescentadas essas duas fases, a depender do posicionamento do narrador:

- Avaliação – comentário sobre o desenrolar da história
- Moral – Uma explicação moral da história.

Sequência Descritiva - não segue uma ordem linear obrigatória, como a sequência narrativa, mas comporta uma sequência hierárquica ou vertical composta por três fases:

- Ancoragem – o tema da descrição é assinalado a partir de uma forma nominal ou um tema-título.
- Aspectualização – os aspectos do tema-título são apresentados.
- Relacionamento – relacionam-se os aspectos descritos a outros através de metáforas ou comparações.

Sequência Argumentativa - Ela irá consistir na existência de uma tese sobre um determinado tema, proposição de novos dados sobre o tema e inferências que justifiquem o tema ou que o restrinja, orientando para uma conclusão ou nova tese. As fases que compõem essa sequência são:

- Premissas – propõe-se uma constatação
- Apresentação de argumentos
- Apresentação de contra-argumentos
- Conclusão, ou nova tese.

Sequência Explicativa - Vai se originar a partir da verificação de um fenômeno incontestável que requer um complemento ou um desenvolvimento de questões, apontando causas ou razões da constatação inicial. Essa sequência enriquece a constatação inicial e também a reformula. O protótipo dessa sequência é composto por quatro fases:

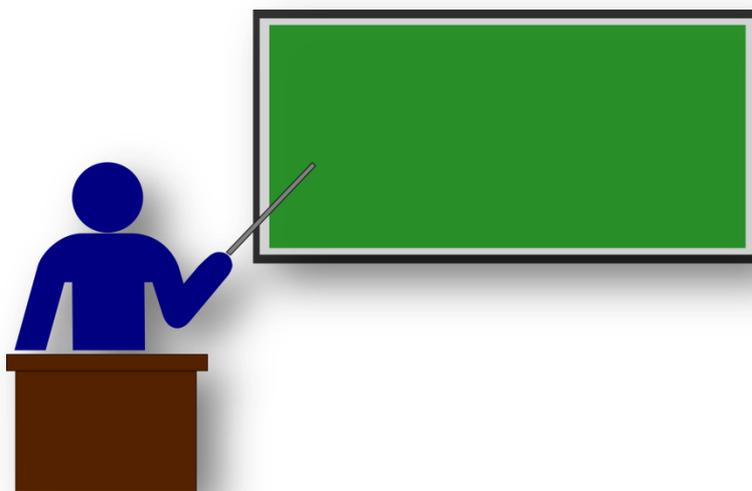
- Constatação Inicial – introduzindo o fenômeno.
- Problematização – explicação do porquê ou do como.
- Resolução – explicações e informações suplementares
- Conclusão-avaliação – reformulação e complemento da constatação inicial.

Sequência Dialogal - realiza-se a partir dos diálogos, estruturando-se a partir de turnos de fala, em situações em que há um engajamento dos interactantes no diálogo, havendo uma mútua atenção que produz uma coerência no todo. Essa sequência comporta três fases:

- Abertura – através do uso de saudações próprias da formação social.
- Transacional – co-construção do conteúdo temático
- Encerramento – palavras que põem fim ao diálogo.

Sequência Injuntiva - o agente produtor busca levar o destinatário a agir de uma determinada maneira, portanto, será composta por verbos no imperativo ou no infinitivo.

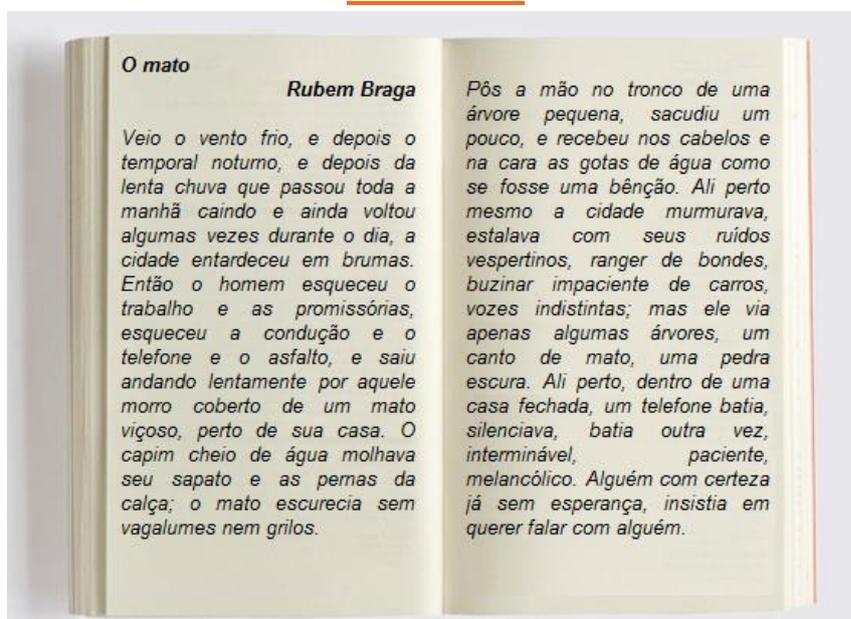
Obs.: Nas sequências narrativas, quando há a exposição de fatos em ordem linear, sem gerar nenhuma tensão, teremos o *script*. Nas sequências argumentativas e explicativas, quando o objeto de discurso não for considerado contestável ou problemático, mas, mesmo assim, for explicado, teremos a *esquematisação*. Desse modo, ao realizar a análise da arquitetura interna de um texto, em nível profundo, observaremos a infra-estrutura interna do texto composta pelo “plano geral do texto, pelos tipos de discurso que esse texto combina e pelas seqüências e as outras formas de planificação que nele estão presentes.”.(BRONCKART, 1999, p. 249)



Os tipos de Crônicas e as situações de produção

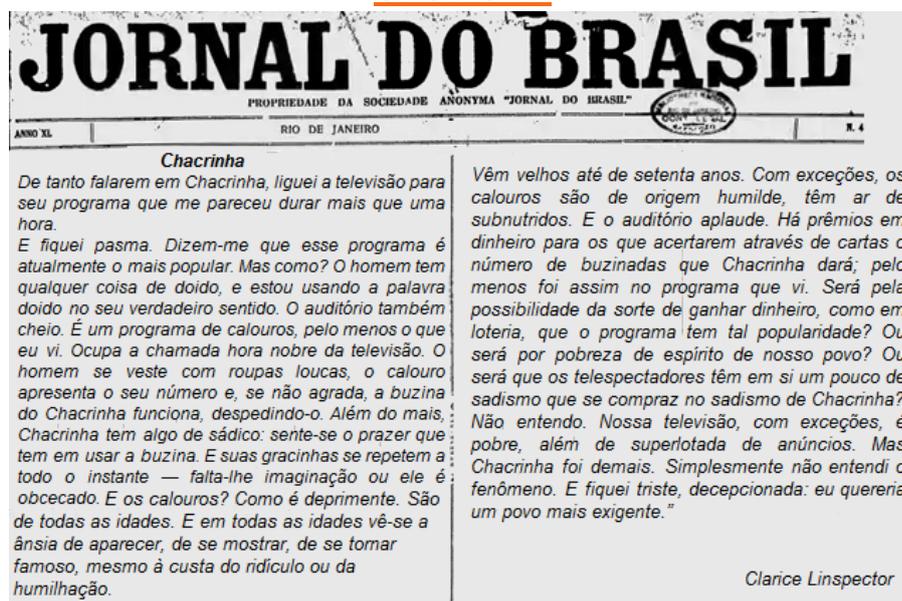
Existem vários tipos de crônicas e cada um deles tem suas particularidades, mesmo apresentando as características gerais das crônicas que aprendemos na seção anterior. Além de tipos diferentes, as crônicas podem, também, apresentar diferentes situações de produção. Podem ser escritas para jornais, revistas, livros, entre outros. Para compreender melhor esse aspecto, vamos observar as crônicas ou fragmentos de crônicas a seguir:

CRÔNICA 1



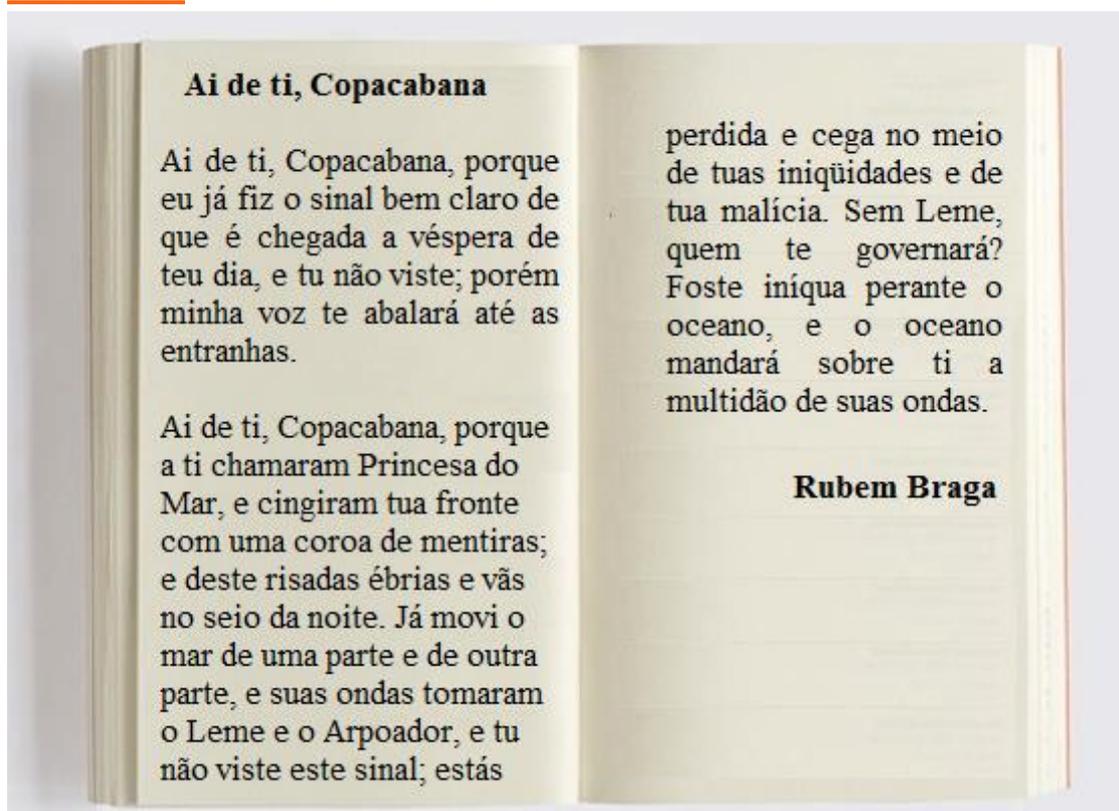
Excerto da crônica retirada do livro: Rubem Braga, *o lavrador de Ipanema*

CRÔNICA 2



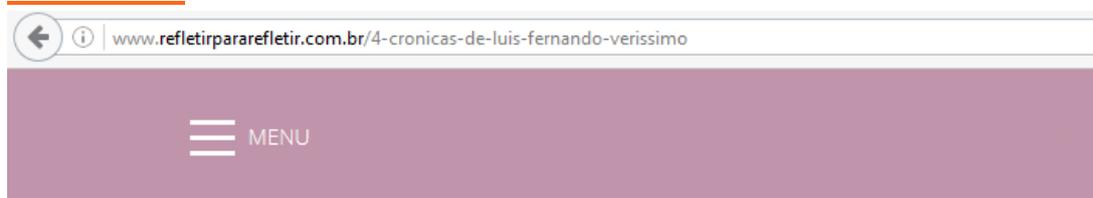
Crônica publicada no *Jornal do Brasil*, no ano de 1967

CRÔNICA 3



Crônica publicada no livro 'Ai de ti, Copacabana', no ano de 1962.

CRÔNICA 4



CRÔNICA ENGRAÇADA

Minha mulher e eu temos o segredo para fazer um casamento durar: Duas vezes por semana, vamos a um ótimo restaurante, com uma comida gostosa, uma boa bebida e um bom companheirismo. Ela vai às terças-feiras e eu, às quintas.



Nós também dormimos em camas separadas: a dela é em Fortaleza e a minha, em SP. Eu levo minha mulher a todos os lugares, mas ela sempre acha o caminho de volta. Perguntei a ela onde ela gostaria de ir no nosso aniversário de casamento, “em algum lugar que eu não tenha ido há muito tempo!” ela disse. Então, sugeri a cozinha. Nós sempre andamos de mãos dadas... Se eu soltar, ela vai às compras! Ela tem um liquidificador, uma torradeira e uma máquina de fazer pão, tudo elétrico. Então, ela disse: “nós temos muitos aparelhos, mas não temos lugar pra sentar”. Daí, comprei pra ela uma cadeira elétrica. Lembrem-se: o casamento é a causa número 1 para o divórcio. Estatisticamente, 100 % dos divórcios começam com o casamento. Eu me casei com a “senhora certa”. Só não sabia que o primeiro nome dela era “sempre”. Já faz 18 meses que não falo com minha esposa. É que não gosto de interrompê-la. Mas, tenho que admitir: a nossa última briga foi culpa minha. Ela perguntou: “O que tem na TV?” E eu disse: “Poeira”.

Luís Fernando Veríssimo

Crônica extraída do site refletirpararefletir.com.br

CRÔNICA 5

www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff14069909.htm

COTIDIANO IMAGINÁRIO

A casa das ilusões perdidas

MOACYR SCLiar

Polícia investiga troca de bebê por casa. Cotidiano, 10.jun.99

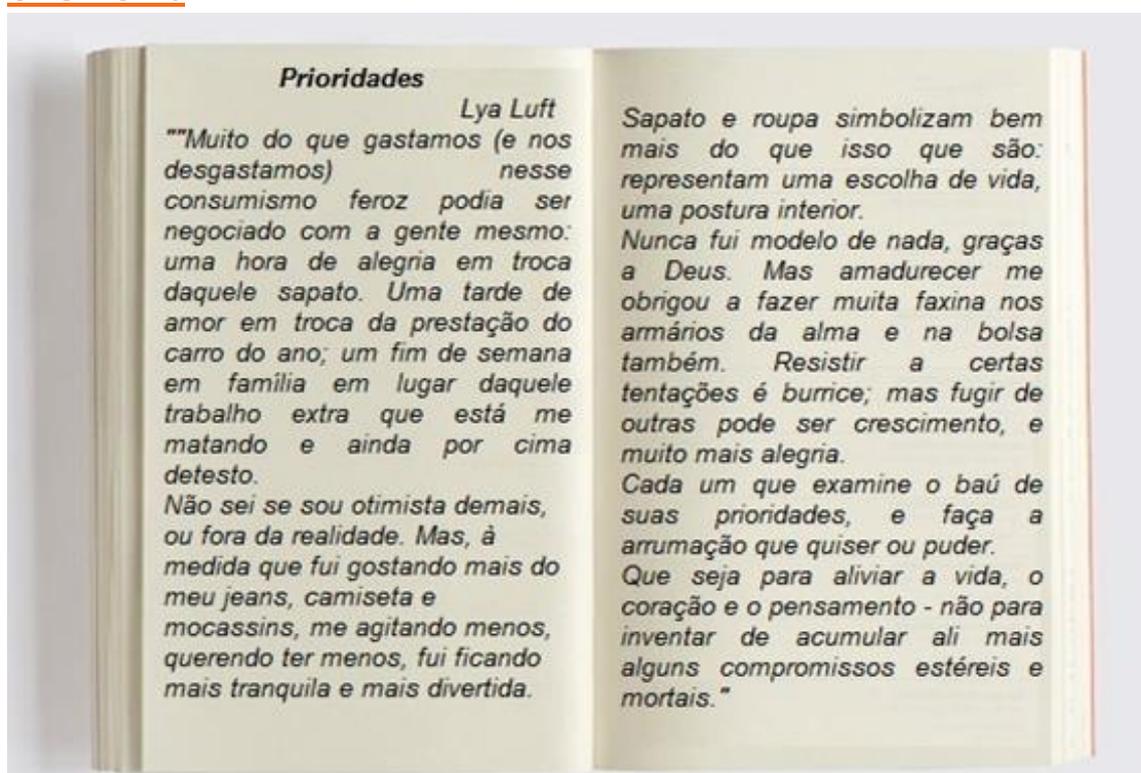
Quando ela anunciou que estava grávida, a primeira reação dele foi de desagrado, logo seguida de franca irritação. Que coisa, disse, você não podia tomar cuidado, engravidar logo agora que estou desempregado, numa pior, você não tem cabeça mesmo, não sei o que vi em você, já deveria ter trocado de mulher havia muito tempo. Ela, naturalmente, chorou, chorou muito. Disse que ele tinha razão, que aquilo fora uma irresponsabilidade, mas mesmo assim queria ter o filho. Sempre sonhara com isso, com a maternidade -e agora que o sonho estava prestes a se realizar, não deixaria que ele se desfizesse.

-Por favor, suplicou. -Eu faço tudo que você quiser, eu dou um jeito de arranjar trabalho, eu sustento o nenê, mas, por favor, me deixe ser mãe.

Ele disse que ia pensar. Ao fim de três dias daria a resposta. E sumiu.

Fragmento extraído de: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff14069909.htm>

CRÔNICA 6



Extraído do livro: *Pensar é transgredir*, de Lya Luft.

PARA COMPREENDER

1) Cada texto apresentado, representa um tipo de crônica. Com base na leitura e na observação de todos os elementos observados, escreva o número da crônica no espaço que corresponde ao seu tipo:

- (3) Lírica
- (6) Reflexiva
- (5) Narrativa
- (1) Descritiva
- (4) Humorística
- (2) Comentário

2) Cada uma dessas crônicas foi escrita em uma situação diferente, com contextos de produção diferenciados. Com base na leitura e em todos os elementos que compõem as crônicas, complete o quadro abaixo, apontando as informações que caracterizam o contexto de produção dessas crônicas:

Crônica	Autor	Perfil dos leitores	Tema	Veículo de circulação	Objetivo do cronista
1	Rubem Braga	Leitores de livros de crônicas	O mato	Livro	Entreter
2	Clarice Lispector	Leitores de jornais	O programa do Chacrinha	Jornal do Brasil	Entreter, refletir sobre um fato, criticar
3	Rubem Braga	Leitores de livros de crônicas	Reflexões sobre a praia de Copacabana	Livro	Entreter,
4	Luís Fernando Veríssimo	Leitores de sites de humor, usuários da internet	Casamento	Site na internet	Entreter, narrar um fato, fazer rir
5	Moacyr Sclyar	Leitores de jornais	Uma gravidez inesperada	Site na internet	Entreter, Refletir,
6	Lya Luft	Leitores de livros de crônica	Reflexões sobre o consumismo	Livro	Refletir

VAMOS REFLETIR

1) CONSIDERANDO AS RESPOSTAS DO QUADRO, RESPONDA:

- a) De maneira geral, qual o perfil dos leitores de crônicas?
Os leitores de crônicas são pessoas que gostam de ler jornais, livros e sites na internet, pessoas cultas.
- b) Que temas podemos perceber numa crônica?
Todos. Os temas são bem variados.
- c) Em que veículos pode circular uma crônica?
Jornais, livros, sites...
- d) Com que objetivos se escreve uma crônica?
Entreter, refletir, criticar, fazer rir, narrar um fato.
- e) Com base nas crônicas lidas, o cronista fala num tom intimista ou distante do leitor?
Intimista.

- 2) Apesar de existirem classificações das crônicas quanto aos seus tipos, como narrativas, descritivas, reflexivas, líricas, humorísticas ou comentários, vamos perceber que em cada crônica encontraremos sequências de texto diferentes, indicando descrições, narrações, explicações, diálogos e argumentações, independente da classificação da crônica. Para compreendermos melhor essa organização, observe os trechos retirados das crônicas que lemos e assinale a alternativa que melhor representa as sequências a seguir: (Caso seja necessário, o professor pode explicar brevemente cada uma delas)

- (1) Sequência Descritiva
(2) Sequência Narrativa
(3) Sequência Explicativa
(4) Sequência Dialogal
(5) Sequência Argumentativa

(2) “Já movi o mar de uma parte e de outra parte, e suas ondas tomaram o Leme e o arpoador, e tu não viste este sinal...”

(1) “O homem se veste com roupas loucas, o calouro apresenta seu número e, se não agrada, a buzina do chacinha funciona, despedindo-o.”

(3) “Sapato e roupa simbolizam bem mais do que isso que são: representam uma escolha de vida, uma postura interior.”

(5) “O casamento é a causa número 1 para o divórcio. Estatisticamente, 100% dos divórcios começam com o casamento”.

(4) “Por favor, suplicou. – Eu faço tudo que você quiser, eu dou um jeito de arranjar trabalho, eu sustento o nenê, mas, por favor, me deixe ser mãe.”

Plano Global da Crônica

Algumas crônicas podem se tornar bem marcantes porque dialogam com fatos da realidade. Como a crônica circula no jornal, muitas vezes, o cronista se utiliza de uma notícia para criar sua crônica, a diferença é que, nesse texto, o cronista terá mais liberdade para contar a história. Além disso, o cronista irá expor suas impressões sobre o assunto, já o jornalista não poderá fazer isso nas suas notícias, pois a linguagem dos gêneros jornalísticos é, na maioria dos casos, objetiva. Para observarmos como a crônica pode nascer a partir de fatos da realidade, vamos ler a notícia e a crônica a seguir:



Polícia investiga troca de bebê por casa

Cotidiano, 10.jun.99 da Agência Folha

A polícia do Paraná está investigando três casos de doação ilegal de bebês no Estado, que teriam sido trocados pelos pais por material de construção, cestas básicas e por uma casa. Os três casos envolvem a troca de quatro crianças. O caso mais recente aconteceu no mês passado, em Campina Grande do Sul. Elizabete Souza Brandão, 18, entregou no dia 11 de maio a filha, nascida dois dias antes, para um casal de Santa Catarina, ainda não localizado ou identificado pela polícia. Elizabete está foragida e a polícia ainda não sabe onde está a menina nem tem pistas do casal que a levou.

Em outro caso, que aconteceu em abril, no município de Pontal do Paraná (litoral do Estado), Maria do Nascimento Silva, 38, entregou seu filho para Jurema Marcondes Frumento.

Jurema, segundo a polícia, intermediou uma negociação com um casal que teria levado a criança para o Mato Grosso.

A mãe, Maria do Nascimento, disse à polícia que, em troca do bebê, receberia cestas básicas e uma casa em Pontal avaliada em R\$ 13 mil. Ela mesma denunciou o caso à polícia porque, apesar de ter recebido as cestas, não ganhou a casa.

Jurema Frumento disse à Agência Folha ontem que não ganhou nada intermediando a negociação. Em seu depoimento, ela disse que seu objetivo foi ajudar Maria.

(Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff10069907.htm>)

Agora, vamos ler a crônica:



A casa das ilusões perdidas

MOACYR SCLIAR

Quando ela anunciou que estava grávida, a primeira reação dele foi de desagrado, logo seguida de franca irritação. Que coisa, disse, você não podia tomar cuidado, engravidar logo agora que estou desempregado, numa pior, você não tem cabeça mesmo, não sei o que vi em você, já deveria ter trocado de mulher havia muito tempo. Ela, naturalmente, chorou, chorou muito. Disse que ele tinha razão, que aquilo fora uma irresponsabilidade, mas mesmo assim queria ter o filho. Sempre sonhara com isso, com a maternidade - e agora que o sonho estava prestes a se realizar, não deixaria que ele se desfizesse.

-Por favor, suplicou. -Eu faço tudo que você quiser, eu dou um jeito de arranjar trabalho, eu sustento o nenê, mas, por favor, me deixe ser mãe.

Ele disse que ia pensar. Ao fim de três dias daria a resposta. E sumiu.

Voltou, não ao cabo de três dias, mas de três meses. Àquela altura ela já estava com uma barriga avantajada que tornava impossível o aborto; ao vê-lo, esqueceu a desconsideração, esqueceu tudo - estava certo de que ele vinha com a mensagem que tanto esperava, você pode ter o nenê, eu ajudo você a criá-lo.

Estava errada. Ele vinha, sim, dizer-lhe que podia dar à luz a criança; mas não para ficar com ela. Já tinha feito o negócio: trocariam o recém-nascido por uma casa. A casa que não tinham e que agora seria o lar deles, o lar onde -agora ele prometia -ficariam para sempre.

Ela ficou desesperada. De novo caiu em prantos, de novo implorou. Ele se mostrou irredutível. E ela, como sempre, cedeu.

Entregue a criança, foram visitar a casa. Era uma modesta construção num bairro popular. Mas era o lar prometido e ela ficou extasiada. Ali mesmo, contudo, fez uma declaração:

-Nós vamos encher esta casa de crianças. Quatro ou cinco, no mínimo.

Ele não disse nada, mas ficou pensando. Quatro ou cinco casas, aquilo era um bom começo.

(Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff14069909.htm>)

⇒ **COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO**

A partir da leitura da crônica, responda o que se pede:

- 1) Que fato está sendo narrado nessa notícia e nessa crônica?
A troca de bebês por casas.
- 2) Apesar de tratarem do mesmo assunto, cada um dos textos apresenta características diferentes. Em que texto conseguimos nos sentir mais envolvidos com a história? Que elementos favorecem esse envolvimento?
A crônica nos envolve mais na história, pois ela traz o fato de uma maneira subjetiva, deixando o leitor mais próximo dos personagens da trama.
- 3) Observe o fragmento: *Jurema, segundo a polícia, intermediou uma negociação com um casal que teria levado a criança para o Mato Grosso.* Ao utilizar a forma verbal 'teria', o narrador passa uma ideia de:
 - a) certeza
 - b) possibilidade**
 - c) confirmação.
 - d) contradição.
 - e) necessidade
- 4) Na notícia, conseguimos identificar de quem foi a decisão de trocar o filho por uma casa ou por material de construção? E na crônica?
Na notícia não conseguimos identificar, mas na crônica, identificamos que foi o pai quem tomou essa decisão.
- 5) Conseguimos identificar os sentimentos das mães que trocaram seus bebês através da leitura da notícia? E na crônica, que sentimentos podem ser percebidos?
Na notícia, não há nenhuma marca que apresente os sentimentos das mães que trocaram seus filhos. Já na crônica, podemos perceber que a mãe sofre por ter que trocar seu bebê por uma casa. Depois percebemos que ela fica feliz na sua casa nova e já faz planos para ter mais filhos.
- 6) Na crônica, existem duas vozes que se contrapõem? Quais são elas? O que defende cada voz?
Temos a voz da moça e a voz do rapaz. A moça defende a ideia de manter a sua gravidez e realizar o seu sonho de ser mãe. Inicialmente, o rapaz defende a ideia de que eles não deveriam ter aquele filho. Posteriormente, ele defende a ideia de que a moça deveria ter o bebê para trocá-lo por uma casa.
- 7) Na crônica, quando o casal troca o filho por um novo lar, aponta-se para um novo conflito entre o casal, a partir do choque de visão de mundo construído por duas direções argumentativas diferentes que justificam a razão dos filhos no casamento. Quais as ideias implícitas da moça para ter mais filhos no

casamento? Quais as ideias do rapaz para ter mais filhos? Retire-as do texto e as comente.

-Nós vamos encher esta casa de crianças. Quatro ou cinco, no mínimo.

Ele não disse nada, mas ficou pensando. Quatro ou cinco casas, aquilo era um bom começo.

A moça quer ter quatro ou cinco filhos para satisfazer o seu sonho de ser mãe e de construir naquela casa a sua família. O rapaz, ao pensar em filhos, tem o intuito de trocá-los por casas e, assim, conseguir melhorar suas condições financeiras.

8) Aqui temos algumas características das crônicas e algumas características das notícias. Após a leitura dos dois textos, organize essas características nos quadros correspondentes:

- Apresenta todos os elementos importantes do fato no primeiro parágrafo, isso é chamado no meio de Lide.
- No primeiro parágrafo, situa o leitor no tempo e no espaço.
- Detalha os fatos nos parágrafos seguintes.
- Nos parágrafos seguintes, a história vai se desenvolvendo até que se chegue a uma conclusão.
- Tem personagens definidos.
- Pode ou não citar os nomes dos envolvidos.
- Apresenta um início, meio e fim bem demarcados.
- O fato é mais importante que os envolvidos no fato.
- É subjetiva.
- É objetiva.
- Busca informar.
- Busca entreter.
-

CRÔNICA	NOTÍCIA
<ul style="list-style-type: none">- No primeiro parágrafo, situa o leitor no tempo e no espaço.- Nos parágrafos seguintes, a história vai se desenvolvendo até que se chegue a uma conclusão.- Tem personagens definidos- Apresenta um início, meio e fim bem demarcados.- É subjetiva.- Busca entreter.	<ul style="list-style-type: none">- Apresenta todos os elementos importantes do fato no primeiro parágrafo, isso é chamado no meio de Lide..- Detalha os fatos nos parágrafos seguintes.- Pode ou não citar os nomes dos envolvidos.- O fato é mais importante que os envolvidos no fato.- É objetiva.- Busca informar.

CONTINUANDO O ASSUNTO

A partir das leituras de todas as crônicas deste módulo, já podemos perceber que existem tipos diferentes de crônicas e diversas formas de narrá-las. Porém, há algumas características que são comuns a todas. Vamos, então, resolver a atividade a seguir para aprofundar nossos conhecimentos sobre as crônicas:

- 1) As crônicas podem narrar um fato ou expor uma ideia. Na narração, teremos a predominância de verbos no passado ou no futuro e a presença de diálogos, já na exposição, teremos a predominância de verbos no tempo presente. Identifique nos fragmentos abaixo a qual desses mundos pertencem essas crônicas:

FRAGMENTO 1

“Ao acordar, disse para a mulher:— Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí o sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum. — Explique isso ao homem — ponderou a mulher”. (Excerto de ‘O homem nu’, Fernando Sabino)

() Mundo narrado

() Mundo da exposição

FRAGMENTO 2

“Homem que é Homem não usa camiseta sem manga, a não ser para jogar basquete. Homem que é Homem não gosta de canapés, de cebolinhas em conserva ou de qualquer outra coisa que leve menos de 30 segundos para mastigar e engolir. Homem que é Homem não come suflê”. (Excerto de ‘Homem que é homem’, Luís Fernando Veríssimo)

() Mundo narrado

() Mundo da exposição

- 2) Ao tratarem do mundo do narrar, as crônicas podem ter um narrador-observador, que simplesmente conta os fatos, ou um narrador-personagem, que expõe a história, mas também participa dela, falando sobre algo que ele viveu. Identifique, nos fragmentos a seguir, qual o tipo de narrador:

FRAGMENTO 1

“Quando ela anunciou que estava grávida, a primeira reação dele foi de desagrado, logo seguida de franca irritação. Que coisa, disse, você não podia tomar cuidado, engravidar logo agora que estou desempregado, numa pior...”

narrador-observador

FRAGMENTO 2

“Minha mulher e eu temos o segredo para fazer um casamento durar: Duas vezes por semana, vamos a um ótimo restaurante, com uma comida gostosa, uma boa bebida e um bom companheirismo. Ela vai às terças-feiras e eu, às quintas...” narrador-personagem

- 3) Quando o narrador ou expositor se posiciona contando os fatos em primeira pessoa, podemos considerá-lo como ‘implicado’. Quando ele apenas conta a história que está acontecendo, podemos considerá-lo como ‘autônomo’. Observando os fragmentos a seguir, classifique-os quanto à implicação:

“Quando Maria viu a cena, ela ficou desesperada. Parecia que tudo estava acabado. Seria impossível continuar aquele relacionamento depois de ter presenciado tal fato”.

Narrador autônomo

“Olhei para a frente e vi o José beijando outra moça. Meu Deus, que horror, quase enlouqueci na hora. Por que ele fez isso comigo? O que ela tinha que eu não tinha? Não consegui segurar, as lágrimas rolavam no meu rosto, mas, no fundo, eu não sabia se iria terminar o namoro ou não”.

Narrador implicado

- a) Que efeito de sentido percebemos quando mudamos o posicionamento do narrador ou do expositor?

Quando o narrador ou expositor é autônomo, temos a exposição de um fato visto pelos olhos do outro, mas quando o narrador ou expositor é implicado, percebemos os sentimentos e emoções vividas por ele no momento da ação.

- b) Os dois fragmentos tratam da mesma cena, contudo, no primeiro fragmento somos levados a pensar que Maria vai terminar o namoro, já no segundo, ficamos em dúvida quanto a esse fato. Qual dos dois fragmentos te passou mais credibilidade? Justifique:

O segundo fragmento parece ser mais verdadeiro, porque apresenta as impressões da própria personagem que está passando pela situação. Não é a voz de alguém falando baseado em algo que viu, mas é a voz da própria pessoa que vive o fato, falando de si mesma.

- 4) Na crônica ‘A casa das ilusões perdidas’, conta-se uma história de um casal que decide vender seu bebê para comprar uma casa. Observando a linguagem dessa crônica e das crônicas como um todo, percebe-se que, ao narrar ou expor um fato, o cronista expõe suas ideias, sentimentos, opiniões acerca do fato. Como poderíamos considerar esse comportamento:

() Neutro

(X) Não neutro

- 5) No primeiro parágrafo da crônica 'A casa das ilusões perdidas', percebemos a voz de um dos personagens, o rapaz, referindo-se à situação da gravidez inesperada. Essa fala apresenta expressões típicas da oralidade informal. Liste essas expressões:

Que coisa, disse, você não podia tomar cuidado, engravidar logo agora que estou desempregado, **numa pior, você não tem cabeça** mesmo, **não sei o que vi em você**, já deveria ter trocado de mulher havia muito tempo.

- 6) Desse modo, percebemos que a crônica além de tratar de temas do cotidiano, também é composta por:

- () Expressões formais
(**X**) Expressões informais

PARA CONCLUIR...

A crônica é um texto que é veiculado em jornais, revistas e livros. Tem um pé na literatura e um pé no jornalismo. Apesar disso, sua função não é diretamente informar, mas entreter. Existem vários tipos de crônicas, esses são alguns deles: narrativa, descritiva, narrativo-descritiva, expositiva, lírica e humorística.

Nas sequências argumentativas das crônicas, temos um expositor que defende uma ideia.

Nas sequências narrativas das crônicas, podemos ter dois tipos de narrador: narrador-personagem ou narrador observador. Percebe-se uma interação entre o narrador/expositor e o leitor, deixando a crônica mais próxima de quem lê. Até a linguagem empregada é, normalmente, informal.

Finalmente, é um texto não muito longo, em que se discutem aspectos gerais do cotidiano, divertindo o leitor ou levando-o à reflexão.



Expressão da subjetividade a partir da compreensão de vozes e modalizações.

❖ Módulo composto por 6 aulas de 50 minutos

Parte 3

Activate Windows
Go to PC settings to activa

Conversa com o professor

Professor, nesta seção, aprofundaremos o conhecimento sobre os mecanismos enunciativos. Sugerimos a leitura a seguir para ajudá-lo na compreensão da análise desses mecanismos conforme o ISD.

OS MECANISMOS ENUNCIATIVOS

Os mecanismos enunciativos compõem a terceira camada da arquitetura interna de um texto, apontada por Bronckart (1999). Essa camada é responsável pela coerência pragmática e opera na gestão das vozes e das modalizações, deixando, assim, explícitas as avaliações formuladas sobre os diversos temas e as instâncias responsáveis por tais avaliações. Conforme Bronckart (1999), o próprio autor é o responsável pela escolha dos mecanismos enunciativos, assim como pela adequação ao gênero de texto, pelo tema, pelos tipos de discurso e pelos mecanismos de textualização.

AS VOZES NO TEXTO

Bronckart (1999) aponta que as vozes podem ser entendidas como as entidades às quais são atribuídas as responsabilidades do que é emitido. Elas podem aparecer no texto a partir de três instâncias: voz do autor empírico do texto, voz dos personagens e voz das instâncias sociais.

Existe a voz do autor, que está ali representando uma conexão com a realidade, e existe a voz dos personagens e de outras instâncias que remetem ao mundo discursivo, mais diretamente, os mundos virtuais criados para que haja sentido no que se vai dizer. De acordo com Bronckart (1999), a voz do autor entra nesse mundo virtual e torna-se apagada, sendo substituída pelo textualizador, ou a voz neutra. Essa voz neutra é atribuída ao narrador ou ao expositor, vai depender do tipo de discurso. As vozes secundárias são subdivididas, por ele, em três categorias, como já foi citado anteriormente e explicitado no quadro abaixo:

Voices dos Personagens	Voices Sociais	Voz do autor
Representadas pelas vozes de seres humanos ou de entidades humanizadas. Pode aparecer, também, na voz do narrador, quando este é personagem, ou seja, expõe em 1ª pessoa.	Aparecem nas vozes de personagens ou de grupos ou instituições sociais presentes no texto.	Comentários e avaliações do autor sobre o enunciado.

Voices (Bronckart, 1999)

AS MODALIZAÇÕES NO TEXTO

A partir das vozes no texto, é que são expressas as opiniões, ideias, julgamentos e sentimentos do enunciador, e essa expressão é feita através das modalizações. Nessa perspectiva, as modalizações anunciam as impressões do enunciador sobre determinado tema. Ele pode avaliar, julgar, concordar, discordar, impor, aderir, apreciar, enfim, tomar uma posição acerca do assunto tratado, a partir das marcas linguísticas expressas ao longo da escrita. Bronckart (1999) diferencia os mecanismos enunciativos dos mecanismos de textualização, ao passo que conceitua as modalizações. Ele entende que

as modalizações têm como finalidade geral traduzir, a partir de qualquer voz enunciativa, os diversos comentários ou avaliações formulados a respeito de alguns elementos do conteúdo temático. Enquanto os mecanismos de textualização, que marcam a progressão e a coerência temáticas, são fundamentalmente articulados à linearidade do texto, as modalizações por sua vez, são relativamente independentes dessa linearidade e dessa progressão (BRONCKART, 1999, p. 330).

Bronckart (1999), em suas análises, considera quatro funções de modalizações, por inspiração da teoria dos mundos de Habermas: as modalizações lógicas, as modalizações apreciativas, as modalizações pragmáticas e as modalizações deônticas. Elas serão representadas a partir das seguintes marcas linguísticas:

1. Verbos no modo condicional, ou, em Língua Portuguesa, os verbos no futuro do pretérito, como: *gostaria, deveria, poderia...*
2. Metaverbos de modo associados a outros verbos que equivalham como auxiliares de modo, como: *querer, dever, ser necessário, poder* em associação com *crer, pensar, gostar de, desejar, ser obrigado a, ser constrangido a, etc*
3. Advérbios ou locuções adverbiais, como: *certamente, provavelmente, evidentemente, talvez, verdadeiramente, sem dúvida, felizmente, infelizmente, obrigatoriamente, deliberadamente, etc.*
4. Orações impessoais, como: *é provável que, é lamentável que, é necessário que, sem dúvida que* (oração adverbial).

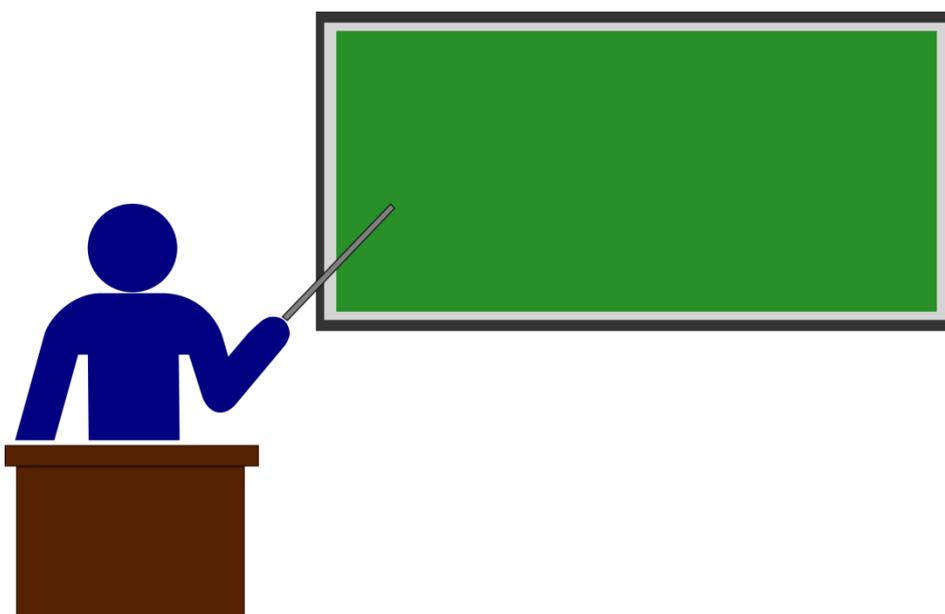
As modalizações lógicas são aquelas que exprimem julgamentos sobre os valores de verdade do que se diz. As proposições demonstram certezas ou incertezas, possibilidades ou probabilidades, eventualidades do mau uso, necessidades, dentre outros. As marcas linguísticas que aparecem no texto são tempos verbais do condicional, auxiliares, advérbios e orações impessoais, dentre outras. Já as modalizações deônticas vão se caracterizar por constituir o mundo social, imprimindo valores, regras, lições que são do domínio do direito e da

obrigação social. Nesta modalização, as marcas usadas poderão ser as mesmas percebidas nas modalizações lógicas.

As modalizações apreciativas dizem respeito ao mundo subjetivo e aparecem no texto a partir das entidades que o constituem, que vão avaliar as situações, emitindo, de preferência, opiniões, através de advérbios ou orações adverbiais. Por fim, as modalizações pragmáticas fazem parte do conteúdo temático do texto e ficam perceptíveis nas vozes de personagens, instituições... Elas expressam as capacidades de ação e as capacidades de sentimento de tais personagens. As marcas linguísticas mais comuns são os auxiliares de modo em sua forma estrita ou ampliada e o verbo poder nos diversos tempos.

Todas essas marcas influenciam no jogo de sentidos do texto, pois a partir do uso dessas marcas, obtém-se o posicionamento que a voz pretende no texto. A voz irá responsabilizar-se pelo enunciado que está sendo dito, realizando avaliações que poderão indicar certezas, dúvidas, convenções, verdades gerais, normas, enfim, a visão de mundo do enunciador na situação de comunicação.

Com relação ao gênero crônica, observando as suas características, podemos caracterizá-lo como um gênero em que a avaliação é uma qualidade constitutiva do texto, já que o cronista tem a liberdade de expor a sua visão sobre os mais diversos temas do cotidiano. Além disso, ele pode expressar, através dos vários personagens presentes nas crônicas, outras visões de mundo, outros elementos avaliativos. Pode ser, portanto, um gênero que apresente uma grande frequência de modalizações.



O Brasil, suas características e a expressão da subjetividade através das vozes e modalizações.

Você já reparou que em um texto aparecem muitas vozes que trazem informações diversas e assumem orientações argumentativas que convergem ou se opõem? Além disso, é possível notar que há diferentes maneiras de dizer a mesma coisa, podendo haver maior ou menor exposição das impressões do enunciador, como no exemplo:

a) A menina trocou seu bebê por uma casa.

b) Infelizmente, a menina trocou seu bebê por uma casa.

Nesta seção analisaremos como são introduzidas as vozes no texto e como elas podem dizer de diferentes formas um fato. Abordar um fato altera a maneira como o leitor interage com as informações vinculadas ao texto. Sendo assim, compreendendo as diferentes formas de dizer algo, você poderá ter uma leitura mais crítica e levantar opiniões embasadas sobre os fatos lidos.

Para a realização das nossas leituras e discussões, vamos levar em conta o conteúdo temático que será “O Brasil e suas características”. Assim, antes de lermos as próximas crônicas, vamos refletir sobre as seguintes questões:

(O professor deverá motivar o aluno para a aula fazendo as perguntas abaixo oralmente.)

- Quando falamos no Brasil, quais as primeiras coisas em que pensamos?
- Que características podemos destacar do nosso país?
- Como o povo brasileiro é visto no exterior?
- Como os outros povos são vistos no mundo? Alguém conhece características dos povos de outros países?
-

(Em seguida, o professor escreverá o título da crônica no quadro e os alunos poderão tentar deduzir sobre o que tratará a crônica. Para isso, o professor pode dizer: “qual o maior desafio do Brasil?...” e pedir que os alunos completem a ideia. A partir daí, o professor realiza a leitura com os alunos, confirma ou não as hipóteses levantadas e responde o exercício de interpretação)

Leia a crônica apresentada e reflita um pouco mais sobre o Brasil e suas características.

O DESAFIO



Um publicitário morreu e, como era da área de atendimento e mau para o pessoal da criação, foi para o inferno. O Diabo, que todos os dias recebe um print-out com nome e profissão de todos os admitidos na data anterior, mandou que o publicitário fosse tirado da grelha e levado ao seu escritório. Queria fazer-lhe uma proposta. Se ele aceitasse sua carga de castigos diminuiria e ele teria regalias. Ar-condicionado, etc.

— Qual é a proposta?

— Temos que melhorar a imagem do

inferno — disse o Diabo. — Falam as piores coisas do inferno. Queremos mudar isso.

— Mas o que é que se pode dizer de bom disto aqui? Nada.

— Por isso é que precisamos de publicidade.

O publicitário topou. Era um desafio. E as regalias eram atraentes. Quis saber algumas coisas que diziam do Inferno e que mais irritavam o Diabo.

— Bem. Dizem que aqui todos os cozinheiros são ingleses, todos os garçons são italianos, todos os motoristas de táxi são franceses e todos os humoristas alemães.

— E é verdade?

— É.

— Hmmm — disse o publicitário. — Uma das técnicas que podemos usar é transformar desvantagem em vantagem. Pegar a coisa pelo outro lado.

Sua cabeça já estava funcionando. Continuou:

— Os cozinheiros ingleses, por exemplo. Podemos dizer que a comida é tão ruim que é o local ideal para emagrecer. Além de tudo, já é uma sauna.

— Bom, bom.

— Garçons italianos. Servem a mesa pessimamente. Mas cantam, conversam, brigam. Isto é, ajudam a distrair a atenção da comida inglesa.

— Ótimo.

— Motoristas franceses. São mal-humorados e grosseiros. Isso desestimula o uso do táxi e promove as caminhadas. É econômico e saudável. Também provoca a indignação generalizada, une a população e combate a apatia.

— Muito bom!

— Uma situação que não seria amenizada pelos humoristas. Os humoristas, como se sabe, não têm qualquer função social. Eles só servem para desmobilizar as pessoas, criar um clima de lassidão e deboche, quando não de perigosa alienação. Isto não acontece com os humoristas alemães, cuja falta de graça só aumenta a

revolta geral, mantendo a população ativa e séria. O alívio é dado pelos garçons italianos.

— *Perfeito!* — exclamou o Diabo. — *Já vi que acertei. Quando podemos começar a campanha?*

— *Espere um pouquinho* — disse o publicitário. — *Temos que combinar algumas coisas, antes. Por exemplo: a verba.*

— *Isto já não é comigo* — disse o Diabo. — *É com o pessoal da área econômica. Você pode tratar com eles. E aproveitar para acertar também o seu contrato. Com isto o Diabo apertou um botão intercomunicador vermelho que havia sobre a sua mesa e disse:*

— *Dona Henriqueta, diga para o Silva vir até a minha sala.*

— *Silva?* — estranhou o publicitário.

— *Nosso gerente financeiro. Toda a nossa economia é dirigida por brasileiros.*

Aí o publicitário suspirou, levantou e disse:

— *Me devolve pra grelha...*

Luis Fernando Veríssimo Texto extraído do livro "*A Mãe do Freud*", L&PM Editores, Porto Alegre, 1985, pág. 93.

ESTUDO DO TEXTO

⇒ **COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO**

- 1) Identifique alguns elementos importantes dessa crônica: Título, autor, quando foi escrita e onde foi publicada:

Esta crônica tem o título 'O desafio', foi escrita por Luis Fernando Veríssimo em 1985 e foi publicada no livro "A mãe de Freud".

- 2) Com base nos aspectos levantados, qual o possível público que lerá essa crônica?

Pessoas cultas, fãs do cronista, pessoas que gostam de crônicas humorísticas e que gostam de ler textos com assuntos relacionados a política, economia, cultura.

- 3) Que tipo de crônica é essa? Que tipo de narrador temos?

É uma crônica humorística com narrador-observador.

- 4) Que elementos encontrados no texto geram o humor?

O publicitário, ao tentar melhorar a imagem do inferno, trata de características negativas dos diversos povos do mundo, buscando mostrar como essas características ruins podem ser vistas de maneira positiva, esse é um dos pontos que favorece o humor. Ao descobrir que o gerente financeiro do inferno é um brasileiro, o publicitário desiste do cargo, o que também favorece o humor na crônica.

5) Busque no texto o argumento que justifica o porquê de o publicitário ter ido para o inferno. Quem poderia ter pensado num argumento como esse?

“Como era da área de atendimento e mau para o pessoal da criação, foi para o inferno”. Possivelmente, alguém que trabalhe na área da criação.

6) Com a chegada do publicitário ao inferno, o diabo tem uma ideia. Que ideia é essa? Seria algo fácil para o publicitário? Justifique com um fragmento do texto:

O diabo quer melhorar a imagem do inferno, mas isso não será fácil para o publicitário, como podemos perceber no seguinte fragmento: ‘O publicitário topou. Era um desafio’.

7) No texto, o publicitário apresenta alguns personagens de diferentes nacionalidades e suas características negativas atreladas às profissões exercidas. Faça uma síntese para expor essas ideias:

Para o publicitário, os cozinheiros ingleses não cozinham bem, os garçons italianos não servem bem, os motoristas de táxi franceses são grosseiros, os humoristas alemães não são bons e os gerentes financeiros brasileiros não são bons.

8) Antes de ser comunicado de que o gerente financeiro do inferno era brasileiro, o publicitário já ficou um pouco desconfiado desse fato. Que palavra possibilitou essa desconfiança?

O nome do gerente financeiro, Silva. Ele ficou desconfiado porque esse é o sobrenome mais popular do Brasil.

9) Nesta crônica, percebemos a presença de duas vozes, a do diabo e a do publicitário. Destaque três fragmentos em que temos a voz do diabo e três fragmentos em que temos a voz do publicitário:

Voz do diabo	Voz do Publicitário
<ul style="list-style-type: none">- Temos que melhorar a imagem do inferno- Por isso é que precisamos de publicidade.- Bem. Dizem que aqui todos os cozinheiros são ingleses, todos os garçons são italianos, todos os motoristas de táxi são franceses e todos os humoristas alemães.	<ul style="list-style-type: none">- Qual é a proposta?- Mas o que é que se pode dizer de bom disto aqui? Nada.- Uma das técnicas que podemos usar é transformar desvantagem em vantagem. Pegar a coisa pelo outro lado. <p>Sua cabeça já estava funcionando.</p>

10) Observe esses argumentos apresentados na voz do publicitário:

1. *“Os cozinheiros ingleses, por exemplo. Podemos dizer que a comida é tão ruim que é o local ideal para emagrecer. Além de tudo, já é uma sauna.”*
2. *“Garçons italianos. Servem a mesa pessimamente. Mas cantam, conversam, brigam. Isto é, ajudam a distrair a atenção da comida inglesa.”*
3. *“Motoristas franceses. São mal-humorados e grosseiros. Isso desestimula o uso do táxi e promove as caminhadas. É econômico e saudável. Também provoca a indignação generalizada, une a população e combate a apatia.”*
4. *“Uma situação que não seria amenizada pelos humoristas. Os humoristas, como se sabe, não têm qualquer função social. Eles só servem para desmobilizar as pessoas, criar um clima de lassidão e deboche, quando não de perigosa alienação. Isto não acontece com os humoristas alemães, cuja falta de graça só aumenta a revolta geral, mantendo a população ativa e séria. O alívio é dado pelos garçons italianos.”*

a) Contextualize em que situação foram ditas essas palavras:

Essas palavras foram ditas quando o publicitário estava tentando encontrar argumentos para provar que o inferno é um lugar que também tem atrativos.

b) Explícite os argumentos positivos que o publicitário consegue encontrar no fato de o inferno ter esses profissionais.

1. *Os cozinheiros ingleses – É o local ideal para emagrecer, já que a comida não será tão atrativa.*
2. *Os garçons italianos – Cantam, conversam e brigam, isso ajuda a distrair os clientes e fazê-los esquecer um pouco do sabor da comida.*
3. *Os motoristas franceses – Desestimulam o uso do táxi e promovem as caminhadas. Também provocam indignação generalizada.*
4. *Os humoristas alemães – Pela falta de graça, aumentariam a revolta geral, mantendo a população ativa e séria.*

c) Você concorda com essa visão diabo e do publicitário sobre as diversas nacionalidades?

Resposta pessoal..

d) Apesar de, diretamente, termos perceptíveis as vozes desses dois personagens, o diabo e o publicitário, podemos perceber outras instâncias sociais presentes nas vozes deles. Observe os fragmentos e aponte que instâncias poderiam dizer essas expressões:

“como era da área de atendimento e mau para o pessoal da criação, foi para o inferno”.

Voz de um publicitário.

“Dizem que aqui todos os cozinheiros são ingleses, todos os garçons são italianos, todos os motoristas de táxi são franceses e todos os humoristas alemães.”

Voz do povo.

- 11) Observe o fragmento: “**Temos que** melhorar a imagem do inferno”. Que efeito de sentido percebemos a partir do uso da expressão ‘Temos que’?
- a) Habilidade
 - b) Permissão
 - c) Probabilidade
 - d) **Necessidade**
 - e) Possibilidade
- 12) Ao perguntar: “Mas o que é que **pode** se dizer de bom disto aqui? Nada”. O humorista apresenta uma dúvida quanto:
- a) À permissão para falar algo de bom sobre o inferno.
 - b) **À possibilidade de falar algo de bom sobre o inferno.**
 - c) À obrigação de falar algo bom sobre o inferno.
 - d) À necessidade de falar algo bom sobre o inferno.
- 13) Ao tratar sobre os humoristas, o publicitário utiliza um recurso de linguagem em que ele se isenta da responsabilidade do que é dito, atribuindo a ideia ao domínio geral das pessoas. Observe o excerto e diga que marca favorece essa ação e por quê:
- “Os humoristas, como se sabe, não têm qualquer função social”.
- A expressão ‘como se sabe’. Se ele não utilizasse essa expressão, a responsabilidade da afirmação seria totalmente atribuída ao publicitário. Quando ele diz ‘como se sabe’, passa a ideia de que essa afirmativa é algo que todos já sabem ou concordam, tirando de si a responsabilidade do que é dito.



O Discurso Citado

(Nesta seção, iremos trabalhar as vozes no texto)

Um dos temas mais presentes no Brasil é a corrupção. Infelizmente, na nossa história, temos muitas situações em que a corrupção é evidente, chegando a ser apontada por alguns, infelizmente, como uma característica do povo brasileiro. Os maiores casos de corrupção acontecem na política e interferem na vida de todos. A seguir, teremos a opinião de algumas celebridades sobre os problemas políticos por que passa o Brasil:

Sandy – “O gigante acordou. A população não aguentou mais ser feita de boba.”

Anitta - “Não conheço a história da política, não me interessa, não gosto. Não estudei a vida da Dilma para saber se ela fez X, Y ou Z.”

Tico Santa Cruz – “O Ideal é que os Jovens comecem a entender como funciona primeiro o mecanismo da democracia.”

Glória Pires - “Hoje eu posso dizer que sou contra o impeachment”

Luciano Huck - O Brasil está precisando de novas ideias, novos caminhos, resignificar a palavra “política”

(A partir dessas frases, perguntar aos alunos:)

Se fôssemos dizer a alguém o que a celebridade x disse, como ficaria a nossa frase?

(As prováveis respostas dos alunos irão oscilar entre a norma padrão e variantes coloquiais. A partir dessas respostas, o professor irá apresentar o próximo conteúdo.)

Tipos de Discurso

Quando vamos contar o que alguém disse a outra pessoa, utilizamos diferentes maneiras: podemos utilizar as mesmas palavras que a pessoa usou ou podemos expressar o que a pessoa disse com as nossas próprias palavras. Observe, no exemplo abaixo, como isso é marcado na escrita.

Exemplo:

- Sandy disse:
-O gigante acordou!
- ou
- Sandy disse que o gigante tinha acordado.

No primeiro exemplo, temos a frase tal qual foi dita pela Sandy. Já no segundo exemplo, as palavras de Sandy aparecem misturadas às palavras do enunciador.

Essas duas formas de expressar as palavras do outro são denominadas de **Discurso Direto e Discurso Indireto**.

Normalmente, vamos ter esses tipos diferentes de discurso nas sequências narrativas, mas também podem aparecer em outros tipos de sequência. Numa narração, a instância responsável pela enunciação será o narrador, que irá atribuir a responsabilidade das falas aos personagens da história. Já num texto teórico ou expositivo, o responsável pela enunciação será o expositor, que poderá apresentar as vozes de outras pessoas para justificar a sua fala.

Exemplos:

- Descemos. Enquanto os monges se dirigiam para o coro, meu mestre decidiu **que o Senhor nos perdoaria se não assistíssemos ao ofício divino...**

(U. Eco, *Le nom de la rose*, p. 112)

- Certamente, Weber dá uma definição unívoca da **política e do Estado como sendo caracterizado pelo monopólio da violência legítima**, mas...

(F. François, *Morale et mise en mots*, p. 126)

(Fonte: BRONCKART, Jean Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos**: Por um interacionismo sociodiscursivo. (trad. Anna Rachel Machado). São Paulo: EDUC, 1999. – p. 327)

No discurso direto, temos um discurso interativo encaixado em outro discurso, que vamos considerar como discurso principal. Por causa dessa dependência, a introdução do novo discurso deve ser feita utilizando-se verbos como: dizer, falar, gritar, exclamar, perguntar, entre outros. Esses verbos são usados para explicitar a maneira como o enunciador proferiu as palavras. Além disso, teremos a existência de alguns elementos tipográficos, como: travessão, aspas, pontuação, mudança de linha, etc...

Exemplos:

- A aluna afirmou:
 - Preciso estudar muito!
- Joana disse: “Gosto muito dessa escola!”

No discurso indireto, teremos a palavra citada já inserida no contexto narrativo, ou seja, o outro discurso fica integrado ao discurso principal. É bem parecido com o que fazemos normalmente quando vamos contar a alguém o que outra pessoa nos disse. Essas são algumas particularidades do discurso indireto:

- Utilizaremos os mesmos verbos do discurso direto para introduzir a fala do outro, mas, em seguida, utilizaremos as palavras ‘que’ ou ‘que se’.
Ex.: Maria me disse *que* te encontrou na praia.

- Ao transcrever a fala de uma pessoa através de um discurso indireto, normalmente utilizaremos o mesmo verbo dito pela pessoa, mas num tempo anterior ao utilizado, conforme o quadro:

- | |
|--|
| <ul style="list-style-type: none"> ▪ Presente – Pretérito imperfeito ▪ Pretérito Perfeito – Pretérito mais-que-perfeito ▪ Futuro do Presente – Futuro do Pretérito ▪ Imperativo – conjuntivo |
|--|

Exemplos:

- Discurso direto: João disse: “Irei fazer uma viagem”;
 - Discurso indireto: João disse *que iria* fazer uma viagem.
- Quando houver um pronome demonstrativo, podemos fazer mudanças conforme o quadro:

- | | | |
|---|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> ▪ Este, esta, isto, ▪ Esse, essa, isso |  | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Aquele, aquela ▪ Aquilo |
|---|---|--|

- Quando houver um advérbio, podemos fazer mudanças conforme o quadro:

- | |
|--|
| <ul style="list-style-type: none"> ▪ Agora, já – então, naquele momento, naquele dia, imediatamente ▪ Hoje – naquele dia ▪ Ontem – no dia anterior ▪ Amanhã – no dia seguinte ▪ Aqui – ali ▪ Cá – lá |
|--|

Temos, ainda, o discurso indireto livre. Ele acontece quando o discurso de alguém é inserido no discurso principal sem a presença de qualquer marca de delimitação.

Exemplo:

“D. Aurora sacudiu a cabeça e afastou o juízo temerário. Para que estar catando defeitos no próximo? Eram todos irmãos. Irmãos.” (Graciliano Ramos)

A crônica a seguir traz as vozes de dois personagens, um delegado e um ladrão de galinhas. Essas vozes aparecem junto a um sinal de travessão. Assim, podemos afirmar que, predominantemente, esse texto traz mais expressões no:

() Discurso Direto () Discurso Indireto



‘Que País é esse? Roubando galinhas ou o Brasil explicado em galinhas!!!

Por Luis Fernando Veríssimo



Pegaram o cara em flagrante roubando galinhas de um galinheiro e o levaram para a delegacia.

- Que vida mansa, hein, vagabundo? Roubando galinha para ter o que comer sem precisar trabalhar. Vai para a cadeia!
- Não era para mim não. Era para vender.
- Pior, venda de artigo roubado. Concorrência desleal com o comércio estabelecido. Sem-vergonha!
- Mas eu vendia mais caro.
- Mais caro?
- Espalhei o boato que as galinhas do galinheiro eram bichadas e as minhas galinhas não. E que as do galinheiro botavam ovos brancos enquanto as minhas botavam ovos marrons.
- Mas eram as mesmas galinhas, safado.
- Os ovos das minhas eu pintava.
- Que grande pilantra... (mas já havia um certo respeito no tom do delegado...) - Ainda bem que tu vai preso. Se o dono do galinheiro te pega...
- Já me pegou. Fiz um acerto com ele. Me comprometi a não espalhar mais boato sobre as galinhas dele, e ele se comprometeu a aumentar os preços dos produtos dele para ficarem iguais aos meus. Convidamos outros donos de galinheiros a entrar no nosso esquema. Formamos um oligopólio. Ou, no caso, um ovigopólio..
- E o que você faz com o lucro do seu negócio?
- Esppeculo com dólar. Invisto alguma coisa no tráfico de drogas. Comprei alguns deputados. Dois ou três ministros. Consegui exclusividade no suprimento de galinhas e ovos para programas de alimentação do governo e superfaturei os preços. O delegado mandou pedir um cafezinho para o preso e perguntou se a cadeira estava confortável, se ele não queria uma almofada. Depois perguntou:
- Doutor, não me leve a mal, mas com tudo isso, o senhor não está milionário?
- Trilionário. Sem contar o que eu sonego de Imposto de Renda e o que tenho depositado ilegalmente no exterior.
- E, com tudo isso, o senhor continua roubando galinhas?
- Às vezes. Sabe como é.
- Não sei não, excelência. Me explique.
- É que, em todas essas minhas atividades, eu sinto falta de uma coisa. O risco, entende? Daquela sensação de perigo, de estar fazendo uma coisa proibida, da iminência do castigo. Só roubando galinhas eu me sinto realmente um ladrão, e isso

é excitante. Como agora fui preso, finalmente vou para a cadeia. É uma experiência nova.

- O que é isso, excelência? O senhor não vai ser preso não.
- Mas fui pego em flagrante pulando a cerca do galinheiro!
- Sim. Mas primário, e com esses antecedentes...

ESTUDO DO TEXTO

⇒ **COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO**

- 1) Identifique alguns elementos importantes dessa crônica: Título, autor, quando foi escrita:

Esta crônica tem o título 'Que País é esse? Roubando galinhas ou o Brasil explicado em galinhas!', foi escrita por Luiz Fernando Veríssimo no ano de 2005.

- 2) Que tipo de relação há entre enunciador e destinatário? Formal ou informal? Justifique:

Há uma relação informal marcada pela linguagem mais simples e coloquial.

- 3) Que efeitos o escritor do texto quer produzir sobre seus destinatários?

Humor, reflexão, crítica...

- 4) Que elementos revelam o caráter de crônica humorística em 'Que País é esse? Roubando galinhas ou o Brasil explicado em galinhas!'

O fato de termos um ladrão de galinhas que se revela, ao longo da crônica, como dono de um império construído com o roubo de ovos de galinhas; as peripécias feitas pelo ladrão para ampliar seus negócios; a forma como o tratamento do delegado vai mudando à medida que ele vai conhecendo mais do ladrão de galinhas.

- 5) O que o ladrão de galinhas dessa crônica tem de diferente de outros ladrões de galinhas?

Ele já construiu um império com seus roubos e já tem articulações com políticos e grandes empresários. Com a venda de galinhas, ele especula com dólar, investe alguma coisa no tráfico de drogas, compra alguns deputados e ministros e consegue exclusividade no suprimento de galinhas e ovos para programas de alimentação do governo com preços superfaturados.

- 6) Como o delegado chama o ladrão nos primeiros momentos?

Vagabundo, sem-vergonha e pilantra. Safado...

7) À medida que o ladrão vai contando as suas falcatruas, o delegado muda a maneira de trata-lo. Como ele passa a chama-lo?

Doutor, excelência, senhor.

8) Por que há essa mudança na forma de tratar o ladrão de galinhas?

Porque o delegado percebe que aquele ladrão de galinhas é, na verdade, uma pessoa muito rica. Isso evidencia que, no Brasil, a justiça só funciona para os pobres. Para os ricos, a justiça parece ser cega.

INSERÇÃO DE VOZES NO TEXTO

1) Que tipo de narrador temos nesse texto?

() narrador-personagem (X) narrador-observador

2) Além da voz do narrador, que outras vozes percebemos nessa crônica?

A voz do ladrão de galinhas e do delegado.

3) Que tipo de discurso é, predominantemente, utilizado para a apresentação dessas vozes?

O discurso direto.

4) No primeiro parágrafo da crônica, não é feita nenhuma introdução para o diálogo entre os personagens. O próprio estilo do cronista Luís Fernando Veríssimo pode ter influenciado essa ausência. Baseando-se nos verbos estudados para introduzir a voz de outras pessoas, crie uma frase que poderia ser usada nesse excerto:

Sugestões: Lá, o delegado gritou... perguntou... ironizou... bradou... falou...

5) No diálogo entre o delegado e o ladrão, pelo fato de haver um maior grau de interação, vamos perceber que os verbos estão apresentados em tempos diferentes. Observe os fragmentos:

1. *“Espalhei o boato que as galinhas do galinheiro eram bichadas e as minhas galinhas não.”*

2. *“Me comprometi a não espalhar mais boato sobre as galinhas dele,”*

3. *“Espelho com dólar. Invisto alguma coisa no tráfico de drogas. Comprei alguns deputados. Dois ou três ministros. Consegui exclusividade no suprimento de galinhas e ovos para programas de alimentação do governo e superfaturado os preços.”*

a) Que tempos verbais percebemos nos fragmentos 1 e 2? **passado**

b) Que tempos verbais percebemos no fragmento 3? **presente**

c) Que efeito de sentido é percebido a partir dessas mudanças nos tempos verbais?

Com o uso dos verbos no passado, compreende-se que o ladrão está tratando sobre coisas que ele fez quando começou a roubar. Com o uso dos verbos no presente, compreende-se que o ladrão está tratando de assuntos do seu cotidiano.

6) Observe o excerto a seguir:

O delegado mandou pedir um cafezinho para o preso e perguntou se a cadeira estava confortável, se ele não queria uma almofada. Aí podemos perceber a existência de uma voz apresentada através do discurso indireto. De quem é essa voz ?

É a voz do delegado

a) Reescreva esse parágrafo utilizando o discurso direto:

Sugestão:

O delegado pediu:

- Traga um cafezinho para este senhor.

Depois, virou-se para o ladrão e perguntou:

- A cadeira está confortável? Você não gostaria de uma almofada?

b) Ao reescrever esse parágrafo, você colocou a sua visão da situação, escolhendo verbos que você acredita serem os mais apropriados para a ocasião. Como poderíamos modificar a forma como as frases foram ditas a partir da mudança dos verbos *dicendi*? Crie um exemplo

Sugestão: O delegado, com toda a sua arrogância gritou:

- Traga um cafezinho para esse senhor!

Depois, virou-se para o ladrão e, ironicamente, perguntou:

- A cadeira está confortável? Você não gostaria de uma almofada?

⇒ PARA REFLETIR...

Com essa atividade, pudemos perceber que mesmo quando utilizamos a fala do outro transcrita integralmente, em discurso direto, a maneira como introduzimos essa fala pode interferir na interpretação e na ideia do texto. Portanto, o narrador ou expositor, influenciarão no modo como a ideia é passada, mesmo quando isso acontece em discurso direto.



AULAS 13 E 14

Nessa aula, vamos estudar marcas que expressam julgamentos, posicionamentos e obrigações quando nos referimos a algo. Para isso, vamos observar algumas manchetes de jornais:

“Empresário pode ter pago para ser morto”, diz manchete de jornal pernambucano

EMPRESARIO PODE TER PAGO PARA SER MORTO



Esta é uma das trilhas de investigação da polícia para explicar a morte do empresário Sérgio Falcão. O tiro foi disparado na boca dele e investigado por três dias. As hipóteses de crime ter cometido a própria morte ou de que teria pagado para ser morto.

O principal suspeito está se apresentando

Para o delegado de polícia, o suspeito não se apresenta até o momento. O delegado de polícia não se apresenta até o momento. O delegado de polícia não se apresenta até o momento.

Problema em torno de R\$ 270 milhões

O empresário Sérgio Falcão foi morto em um atentado em Recife. O empresário Sérgio Falcão foi morto em um atentado em Recife. O empresário Sérgio Falcão foi morto em um atentado em Recife.



educação
LEI DE COTAS É SANCIONADA E JÁ VAI VALER PARA O ENEM DESTA ANO



O jornal Diário de Pernambuco estampou na primeira página da edição impressa desta quinta-feira (30), que a principal linha de investigação da Polícia Civil acerca do assassinato do empresário Sérgio Falcão é de que o mesmo teria pago para ser morto.

Este pressuposto se deu após a conclusão do laudo pericial feito pelo IML de Recife onde foi constatado que o tiro que vitimou o empresário foi disparado na boca. Com isso

duas hipóteses foram erguidas uma de que ele havia cometido suicídio e a outra uma armação

(Fonte: <http://www.marechalnoticias.com.br/noticias/brasil/empresario-pode-ter-pago-para-ser-morto-diz-manchete-de-jornal-pernambucano/> visualizado em 29.07.2016)

Cidades brasileiras podem estar sendo envenenadas por governos mundiais

🕒 28 de abril de 2014 às 10:35

TRILHAS QUÍMICAS | Recentemente, avião foi flagrado liberando fumaça no espaço aéreo de Rio Claro, interior paulista

Assunto desconhecido por grande parte da população, a discussão sobre a possível existência de “trilhas químicas” nos céus das cidades brasileiras começa a ser debatida por grupos preocupados com o assunto. Recentemente, um avião foi flagrado no espaço aéreo de Rio Claro liberando a típica fumaça no céu da região central.

Ao ver as fotos capturadas em Rio Claro, o catarinense Oberon de Mello, um dos principais estudiosos do assunto no Brasil, afirma veementemente: “Com certeza são chemtrails” (trilhas químicas, em inglês). Para Odebron, essas trilhas são, na verdade, parte de um plano secreto de governos ao redor do mundo. “Essas aeronaves pulverizam agentes biológicos a altas altitudes, por motivos desconhecidos”, declara. A teoria mais aceita pelos envolvidos no assunto, é de uma tentativa dos governos em modificar o clima do planeta.

(Fonte: <http://diarioms.com.br/cidades-brasileiras-podem-estar-sendo-envenenadas-por-governos-mundiais/> visualizado em: 29.07.2016)

Professores da Uespi podem deflagrar greve

A associação dos docentes da instituição já publicou edital convocando assembléia geral da categoria

11/04/2016 por Redação

[Curtir](#) [Compartilhar](#) [Imprimir](#) [Tweetar](#) [WhatsApp](#)

Tamanho da fonte [A](#) [A](#)



UESPI (Foto: Cidade Verde)

vale para cerca de 30 órgãos e entidades de administração direta, autárquica e fundacional. Dentre as repartições afetadas estão as secretarias de Saúde, Educação, Administração e Previdência Social, Turismo, Assistência Social e Cidadania, o Instituto de Terras do Piauí e a Universidade Estadual do Piauí.

Professores da Universidade Estadual do Piauí (Uespi) podem deflagrar greve, a partir de segunda-feira, 11, contra a organização de mudança de nível e progressões dos servidores da Uespi. "Estávamos negociando com o Governo e fomos pegos de surpresa, já no dia 03/04, com a publicação da lei que trata sobre o assunto no Diário Oficial do Estado", reclamam, em nota a imprensa.

A Associação dos Docentes da Universidade Estadual do Piauí já publicou edital convocando assembléia geral da categoria, para decidir sobre o assunto, segunda-feira, no auditório do Centro de Ciências da Natureza, da Uespi. A primeira convocação é para às 9h. A segunda, para 9:30. A deliberação será tomada com qualquer número de filiados.

A Lei 6.772, que foi aprovada pela Assembléia Legislativa do Piauí e sancionada pelo governador Wellington Dias

(Fonte: http://manchetepiaui.com.br/index.php?sh=shmt&ma_id=1476&ma_titulo=Professores%20da%20Uespi%20podem%20deflagrar%20greve Visualizado em: 29.-7.2016

Nessas 3 manchetes, temos algumas marcas que expressam um caráter de possibilidade, a falta de certeza de que as ações aconteceram ou poderão acontecer. Que marcas são essas?

Empresário **pode** ter pago para ser morto

Cidades brasileiras **podem** estar sendo envenenadas por governos mundiais

Professores da UESPI **podem** deflagrar greve.

Como poderíamos reescrever essas manchetes, demonstrando mais certeza das ações?

Essas são algumas sugestões, mas podem surgir outras maneiras.

Empresário pagou para ser morto

Cidades brasileiras estão sendo envenenadas por governos mundiais.

Professores da UESPI irão deflagrar greve.

Observando as notícias que acompanham as manchetes, há a confirmação de algum dos fatos, ou a notícia mantém a dúvida gerada na manchete? Justifique:

Na primeira notícia não há nenhuma confirmação de que o homem tenha pagado para morrer, já que a polícia ainda está levantando hipóteses. A notícia sobre o possível envenenamento de algumas cidades traz a confirmação do fato a partir da fala de um especialista no assunto. A notícia sobre a possível greve dos professores deixa evidências de que acontecerá, mas não há como afirmar com certeza.

Agora vamos observar essas duas manchetes.



Fonte: http://mulpix.com/instagram/capa_chuva.html visualizado em: 29.07.2016.

Temer-“Mulher deve se aposentar antes pois faz atividades extras em casa”

26/06/2016

O presidente interino, Michel Temer disse que não concorda com a mudança na regra previdenciária que equipara as idades para homens e mulheres se aposentarem.

Segundo o jornal O Globo, o peemedebista considera que as mulheres devem deixar o mercado de trabalho um pouco mais cedo do que os homens, devido às atividades extras que exercem.



“Uma pequena diferença entre o homem e a mulher é razoável, por uma razão. Essa razão não é só minha, vejo escrita a todo o momento. A mulher, além do trabalho externo, ela faz o trabalho interno na sua casa, é mãe, etc., às vezes cuida dos irmãos. Talvez uma pequena diferença valesse a pena”, disse Temer.

O presidente em exercício afirmou que não tem objeção à adoção da idade mínima para a aposentadoria. A medida é estudada por seu governo e tem o apoio ao menos de dois ministros: da Fazenda, Henrique Meirelles; e da Casa Civil, Eliseu Padilha.

Fonte: <http://mudancadeparadigmas.com/temer-mulher-deve-se-aposentar-antes-pois-faz-atividades-extras-em-casa/> Visualizado em 29.07.2016

Temos aqui outra marca que indica certa imprecisão ou possibilidade. Que marca é essa?

O verbo **dever**.

Essa marca tanto pode indicar uma imprecisão, de acordo com os exemplos apresentados, como pode expressar um sentido de obrigatoriedade, conforme o exemplo:

“O governo deve garantir educação e saúde a todas as pessoas.”

Escreva mais dois exemplos em que se expresse esse sentido de obrigatoriedade:

(resposta pessoal)

Nas manchetes a seguir, vamos perceber a opinião de quem as escreveu através de algumas marcas evidenciadas no texto.

Infelizmente as principais manchetes em Alagoas são de violência. Veja as últimas quatro

Uma morte, um adolescente ferido, uma moradora baleada e um assalto a ônibus.

[Tweet](#) [Recomendar](#) 0



Homem morre e adolescente de 14 anos fica ferido durante atentado em Coqueiro Seco

Autor dos disparos fugiu; menor foi conduzido ao Hospital Geral do Estado

Um homem foi morto a tiros e um adolescente de 14 anos ficou ferido durante um atentado na noite dessa quarta-feira (19), na Rua Oldina Cambolo, em Coqueiro Seco.

Fonte: <http://www.correiodopovo-al.com.br/index.php/noticia/2015/08/20/infelizmente-as-principais-manchetes-em-alagoas-sao-de-violencia-veja-as-ultimas-quatro>. Visualizado em 20.07.2016

COLUNA-Os dados do impeachment finalmente foram lançados

quinta-feira, 3 de dezembro de 2015 18:46 BRST

[Imprimir](#) | [Uma página](#) [-] Texto [+]



(O autor é editor de Front Page do Serviço Brasileiro da Reuters. As opiniões expressas são do autor do texto.)

Por Alexandre Caverni

SÃO PAULO (Reuters) - Após quase um ano de uma crise política e econômica que num crescendo se transformou na mais grave desde a era Collor, os dados do impeachment da presidente Dilma Rousseff foram finalmente lançados à mesa. Quando eles pararem de rolar, poderemos ter um novo presidente da República ou a sobrevivência da atual titular, pelo menos, minimamente fortalecida.

1 de 1 [Versão na íntegra](#)

Fonte: <http://br.reuters.com/article/topNews/idBRKBN0TM2PI20151203>. Visualizado em 29.07.2016



Fonte: <http://www.brasil247.com/pt/247/midiatech/136965/Em-un%C3%ADsson-jornal%C3%B5es-refor%C3%A7am-press%C3%A3o-por-CPI.htm>. Visualizado em 29.07.2016

Que marcas evidenciam a opinião de quem escreveu ?

Infelizmente as principais manchetes em Alagoas são de violência. Veja as últimas quatro.

Os dados do impeachment **finalmente** foram lançados.

Petrobrás, **enfim**, admite que não fez bom negócio.

Como percebemos, essas marcas podem ser compostas por advérbios. Elas trazem a visão de mundo particular do enunciador, dando um novo sentido à frase. Como ficariam as mesmas manchetes se fossem escritas de maneira mais imparcial, sem que o enunciador expusesse suas impressões sobre o fato?

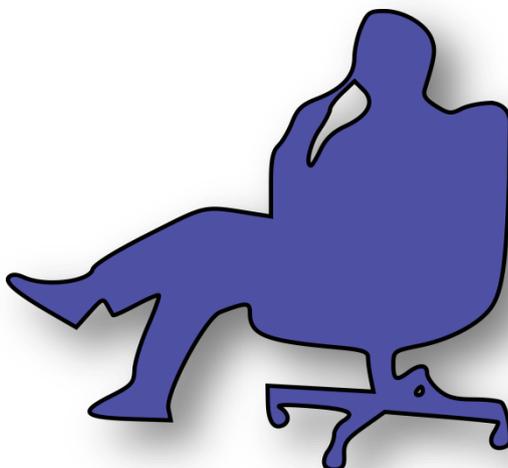
Essas são algumas possibilidades:

As principais manchetes em Alagoas são de violência. Veja as últimas quatro.

Os dados do impeachment foram lançados.

Petrobrás admite que não fez bom negócio.

PARA COMPREENDER



A partir dos exemplos mostrados, percebemos que, ao se expressar, o falante toma posições sobre o conteúdo que está expondo, fazendo julgamentos e expressando opiniões que denotam certezas, incertezas, necessidade, condição, suposição, possibilidade, impossibilidade, entre outros aspectos. Para isso, nós utilizamos algumas marcas no nosso texto que são chamadas de modalizações

Vamos aprender alguns tipos de modalizações:

- **Modalizações lógicas** – Relacionam-se às questões de crença e conhecimentos. Poderão expressar:
 - Certezas ou incertezas – deve ter, pode ter, está longe de, é certo que, é claro que, tenho certeza que, é evidente que, tenho certeza que
 - Possibilidade / Probabilidade – Sem dúvida, Indubitavelmente, é possível que, é provável que, talvez, é desejável que
 - Situações impossíveis – seria, ficaria, estaria...
- **Modalizações apreciativas** – Relacionam-se às questões de opinião, indicam análise e julgamento – Infelizmente, felizmente, estranhamente, pena que, fielmente, lamentavelmente, curiosamente, ainda bem que, tristemente, sem esforço, com esforço, finalmente, receio, eu acho.
- **Modalizações Pragmáticas** – Relaciona-se às possibilidades que alguém tem de fazer algo, tendo em vista o desejo da pessoa – pode, podia, poderia, querer fazer, gostar de,
- **Modalizações Deonticas** – Relacionada com as possibilidades que alguém tem de fazer algo, tendo em vista as obrigações sociais – tem de, deve, deveria, pode, é necessário, é preciso, sugiro, aconselho, é certo.

Exercício

Identifique as marcas que indicam uma avaliação da situação e indique os efeitos de sentido que elas trazem à frase:

- a) Com certeza o Brasil vai melhorar.
Com certeza, a própria palavra já expressa certeza.
- b) Ontem choveu, infelizmente.
Infelizmente – indica que o enunciador não gostou da chuva.
- c) Você não pode estacionar aqui.
Pode – Indica proibição.
- d) Todos vocês têm que estudar, amanhã teremos um debate na aula.
Têm que – Indica uma necessidade.
- e) É possível que você faça essa tarefa com mais rapidez.
É possível – indica uma possibilidade
- f) Talvez a sociedade se torne mais consciente com o passar do tempo. –
Talvez – Indica uma incerteza.

Vamos ler a crônica a seguir e observar como acontece a expressão da subjetividade:

Quem tem medo de mortadela?

Por Mário Prata



Modismo é conosco mesmo. O brasileiro adora inventar moda. E todo mundo vai atrás dela. A última do brasileiro é “primeiro mundo”. Os publicitários nativos inventaram a expressão e agora tudo que nós queremos tem que ser coisa do “primeiro mundo”. O carro é do primeiro mundo, a bebida é do primeiro mundo, a mulher é do primeiro mundo. Cineastas querem fazer filme de primeiro mundo, diretores de teatro trazem a moda lá da Europa. E os preços, evidentemente, também são de primeiro

mundo.

Será que não nos bastam os exemplos de Portugal, Espanha, Irlanda e Grécia, que se debruçaram na mamata da CEE e agora enfrentam uma séria recessão e desemprego?

Por que essa mania, de repente, de querer virar primeiro mundo? De terceiro para primeiro? Não seria o caso de fazer um estágio, antes, no segundo mundo? Os do primeiro mundo adoram as coisas aqui do terceiro. Por exemplo, a caipirinha. Alemães, ingleses, americanos, suecos caem trôpegos pelas calçadas de Copacabana. Quer coisa mais brasileira, mais terceiro mundista, mais caipira e mais barata? Mas já estão avacalhando com ela. Agora já tem caipirinha de vodca e, pasmem, de rum. Caipirinha sempre foi e sempre será de cachaça. Coisa de caipira mesmo. E é esta bebida que os europeus vêm procurar aqui. Mas já meteram a vodca e o rum nela para ficar com cara de primeiro mundo. Vamos deixar a caipirinha caipira, brasileiros!

Toda essa introdução para chegar à mortadela. Ou mortandela, como preferem garçons e padeiros. Quer coisa mais brasileira que a mortadela? Claro que ela veio lá da Itália. Mas tornou-se, talvez pelo baixo preço, o petisco do brasileiro. O nome vem de murta, uma plantinha italiana que lhe valeu o nome. Infelizmente o brasileiro acha que mortadela é coisa de pobre, de faminto. E o que somos nós, cara-pálidas?

A cachaça e a mortadela são produtos do Brasil, do nosso querido terceiro mundo. Mas acontece que há um preconceito dos patrícios contra a cachaça e a mortadela. Contra a mortadela o caso é mais grave. Se você oferecer mortadela numa festa, vão te olhar feio. Você deve estar perto da falência.

Neste Natal e no Reveillon frequentei várias mesas, e em nenhuma havia mortadela. Queijos de primeiro mundo, vinho de primeiro mundo, perfumes de primeiro mundo, até um peru argentino eu comi. Mas mortadela que é bom, nada. Nem uma fatiazinha.

Quando o brasileiro irá assumir que a mortadela é a melhor entrada do mundo? Quando você for para a Europa, não adianta pedir dead her que não vai encontrar. Nem muerta del. Mas nem tudo está perdido. No dia 1º do ano almocei com o casal Annette e Tenório de Oliveira Lima, e lá estava a mortadela, fresquinha no prato rósea. Um limãozinho em cima, um pedacinho de pão e viva o terceiro mundo, visto lá de cima do apartamento do Morumbi.

No mesmo dia, de noite, fui ao peemedebista Bar Nabuco, debaixo de frondosas sibipirunas da Praça Vilaboim e estava lá, no cardápio, toda sem-vergonha, a mortadela brasileira. Achei que estava começando bem o ano. Vai ser um Ano Bom, como se dizia antigamente. Se os novos-ricos do PMDB estão comendo mortadela, nem tudo está perdido. No Gargalhada Bar mais para PT, há um excelente sanduíche de mortadela.

E, nas boas padarias do ramo você ainda encontra a verdadeira mortadela, aquela que chega no balcão, feita na chapa, sem queimar muito, servida em pãezinhos saídos do forno.

Vamos deixar o primeiro mundo para lá. Vamos, este ano, tomar cachaça e comer mortadela. É muito mais barato ser pobre. Deixemos que o primeiro mundo exploda entre eles, mesmo tomando uísque escocês e comendo queijo fedido.

Por favor senhores brasileiros primeiro-mundistas, vamos deixar de frescura. Mortadela é o que há. É um barato.

Feliz 94 para todos vocês. Muita cachaça e muita mortadela. Apesar de tudo, o primeiro mundo é triste e melancólico. Continuemos felizes e alegres com a nossa cachaça e a nossa gostosa mortadela.

E que os candidatos à presidência deste nosso país do terceiro mundo não se esqueçam que o Jânio sempre se elegeu comendo “mortandela” e não caviar do primeiro mundo.

(Publicada no jornal O Estado de S. Paulo, 5/1/1994.)



ESTUDO DO TEXTO

⇒ **COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO**

- 1) Identifique alguns elementos importantes dessa crônica: Título, autor, quando foi escrita e onde foi publicada:

Esta crônica tem o título 'Quem medo de mortadela?', foi escrita por Mário Prata em Janeiro de 1994 para o jornal 'O Estado de São Paulo'.

- 2) Qual o possível público que lerá essa crônica?

Os leitores do jornal, pessoas cultas e interessadas em assuntos relacionados a política, economia, cultura...

- 3) Essa crônica é diferente das outras que lemos anteriormente. Ela não se limita a contar um fato, mas apresenta a defesa de um ponto de vista do expositor. Nos primeiros parágrafos ele já expõe a ideia principal que vai desenvolver ao longo do texto, que ideia é essa?

Ele defende a ideia de que o brasileiro precisa valorizar mais as coisas próprias do seu país, como a mortadela e a caipirinha, deixando de lado o modismo de querer ter costumes e utilizar itens próprios dos países de 1º mundo.

- 4) De acordo com o expositor, que itens tidos como de 1º mundo chamam a atenção dos brasileiros?

Carro, bebida, mulher, filmes, moda e os preços.

- 5) Que itens próprios do Brasil o cronista cita para tentar valorizar as coisas do terceiro mundo?

A caipirinha e a mortadela.

- 6) Por que o expositor critica o uso de rum ou vodca no preparo da caipirinha?

Porque já que a caipirinha é uma bebida tipicamente brasileira, ela deve ser feita com ingredientes próprios do Brasil, como a cachaça.

- 7) Que argumentos o expositor apresenta para mostrar que é melhor aceitar o terceiro mundo do que querer fazer parte do primeiro mundo?

Ele diz que é mais barato ser pobre e que o primeiro mundo é triste e melódico.

- 8) Essa crônica apresentou uma ideia principal, argumentos para sustentar essa ideia e uma conclusão. Qual seria essa conclusão?

Que devemos continuar felizes e alegres no terceiro mundo, valorizando as coisas do terceiro mundo, como a cachaça e a mortadela.

MARCAS DA SUBJETIVIDADE

- 1) Em toda essa crônica, perceberemos fortemente a voz de um expositor defendendo um ponto de vista. Ele anuncia os fatos, tomando posições sobre eles. Assim, apresenta a sua preferência clara pelas coisas do Brasil e certa aversão a coisas do 1º mundo. Aponte as avaliações do expositor quanto aos aspectos abaixo:
 - a) Tudo o que nós (brasileiros) queremos – *tem que ser coisa do 1º mundo*
 - b) Cineastas – *querem fazer filmes de 1º mundo*
 - c) Diretores de teatro – *trazem a moda lá da Europa*
 - d) Os (cidadãos) do primeiro mundo – *adoram as coisas do 3º mundo*
 - e) Caipirinha – *a coisa mais brasileira que existe*
 - f) Mortadela – *a coisa mais brasileira que existe*

- 2) Observando o fragmento “Não seria o caso de fazer um estágio, antes, no segundo mundo?”, o expositor utiliza um verbo no futuro do pretérito. Essa marca denota a ironia do cronista que traz uma perspectiva absurda para criticar essa mania dos brasileiros. Por que essa frase traz uma perspectiva absurda?

Essa frase traz uma perspectiva absurda porque trata de uma situação impossível, pois não existe essa relação de mudança de mundos. Os países em geral não fazem estágios no segundo mundo para passar a fazer parte do primeiro mundo. O autor, de maneira sutil, pode estar debochando desse modismo existente no país.

- 3) Ao falar sobre a mortadela, o cronista aponta que este é o petisco brasileiro: *Mas tornou-se, talvez pelo baixo preço, o petisco do brasileiro.* Contudo, ele dá uma justificativa para esse fato, sem apresentar uma certeza disso. Que marca denota essa dúvida?

A palavra “talvez”.

- 4) Se a frase da questão anterior tivesse sido escrita dessa maneira: *Mas tornou-se, por causa do preço baixo, o petisco do brasileiro.* Que efeito de sentido poderíamos perceber?

Com essa frase, o cronista estaria explicando que a mortadela se tornou o petisco brasileiro por causa do preço baixo. O leitor consideraria que esta é uma verdade comprovada.

- 5) Em seguida, o cronista revela que a mortadela não é bem vista pelos brasileiros:

Infelizmente o brasileiro acha que mortadela é coisa de pobre, de faminto.

Que palavra expõe a opinião do expositor? Que efeito de sentido essa palavra provoca?

A palavra *infelizmente*. Essa palavra deixa claro que o cronista não gosta do fato de a mortadela ser tida como coisa de pobre.

- 6) De acordo com o cronista, o que acontece se você servir mortadela numa festa, o que vão pensar de você?

Se você servir mortadela, vão te olhar feio e vão pensar que você deve estar perto da falência.

- 7) Que efeito de sentido percebemos na expressão “deve estar” em ‘Você deve estar perto da falência.’ (l. 29):

- () obrigação
(**X**) possibilidade
() necessidade
() precisão

PARA CONCLUIR

- 8) Aprendemos que, numa crônica, podemos perceber comentários e impressões das diversas vozes presentes a partir de algumas marcas que traduzem efeitos diferentes.

Nessa crônica em especial, ao tratar de uma situação absurda, o autor utiliza o verbo seria, que está conjugado no futuro do pretérito.

A partir de algumas palavras, foi possível expressar certezas ou dúvidas sobre o que se afirmou. Para expressar dúvida, o expositor utilizou a palavra talvez. Outras palavras que podemos usar para indicar dúvida ou certeza são possivelmente, é provável...

Para expressar sua opinião, o expositor utilizou o advérbio infelizmente. Outros advérbios que podemos usar para expressar opiniões são: felizmente, lamentavelmente, inutilmente...



REFERÊNCIAS

BRONCKART, Jean Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos: Por um interacionismo sociodiscursivo.** (trad. Anna Rachel Machado). São Paulo: EDUC, 1999.

CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão”. In: **A Crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.** Campinas, Ed. Da Unicamp, 1992.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1988.

FERREIRA, Simone Cristina Salviano. Afinal, o que é a crônica? In: TRAVALLIA, Luiz Carlos[et al.]. **Gênero de texto: Caracterização e Ensino.** Uberlândia, EDUFU, 2008. p. 347-394.

MACHADO, Anna Rachel, CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes. A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros. In: MACHADO, Anna Rachel. **Linguagem e educação: o ensino e a aprendizagem de gêneros textuais.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009. p. 123-152.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários.** São Paulo: Cultrix, 2004.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: Prosa.** 11. ed. São Paulo: Cultrix, 1982

NOVAES, Carlos Eduardo. **A cadeira do dentista e outras crônicas.** São Paulo: Ática, 1994

SÁ, Jorge de. **A crônica.** São Paulo: Ática, 1987.

SOUZA, Thaís Torres. **As crônicas de Clarice Linspector.** UNICAMP: Universidade Estadual de Campinas. N.d., n. pág. Web. 9 Sept. 2009. Disponível em:<<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/c00012.htm>> Acesso em 15.10.15

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **A mãe do Freud.** Porto Alegre: L & PM Editores. 1985

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Novas comédias da vida privada.** Porto Alegre: L & PM editores, 1997.